

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES

DANILO DOS SANTOS CALHEIROS

***A VOZ CÉTICA EM MEMÓRIAS DO SUBSOLO DE DOSTOIÉVSKI***

Maceió

2022

DANILO DOS SANTOS CALHEIROS

**A VOZ CÉTICA EM *MEMÓRIAS DO SUBSOLO* DE DOSTOIÉVSKI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do grau de graduado em Filosofia.

Orientadora: Prof. Dra. Juliele Maria Sievers.

Maceió

2022

**Catlogação na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

C152v Calheiros, Danilo dos Santos.  
A voz cética em *Memórias do subsolo* de Dostoiévski / Danilo dos Santos Calheiros. – 2022.  
70 f.

Orientadora: Juliele Maria Sievers.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) –  
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,  
Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 66-70

1. Dostoiévski. 2. Memórias do subsolo. 3. Ceticismo pirrônico. 4. Sexto Empírico. I. Título.

CDU: 13

Dedico este estudo ao meu filho José Roberto da Silva Calheiros.

## AGRADECIMENTOS

Meu contato inicial com *Memórias do subsolo* ocorreu por meio de um *encontro fortuito* numa edição da Bienal Internacional do Livro realizada em 2015 na cidade de Maceió. Fui até um estande da Editora 34 e logo me chamou à atenção o título do livro. Na contracapa estava escrito que o livro fora escrito na cabeceira de morte da primeira esposa de Dostoiévski e também dizia que Nietzsche o chamava de “a voz do sangue”. Como assim? Que livro é esse? Preciso saber mais sobre esse escritor! Mas nunca havia lido nenhuma linha de Dostoiévski. Então, perguntei para a gentil vendedora por qual obra do escritor russo era mais produtiva para iniciar. De imediato ela me apresentou o calhamaço dos *Irmãos Karamazov* e disse: “esta é a obra prima do autor”.

Logo percebi que sua intenção era dizer que por ali era justamente a via que eu não deveria começar. Em seguida mostrou-me quase que cronologicamente às obras e quando chegou em *Memórias do subsolo* me falou que esse escrito era uma espécie de divisor de águas na biografia Dostoiévski, inclusive no que diz respeito ao conteúdo intelectual abordado. Nesse momento tive a intuição de que era por essa obra que deveria adentrar no universo dostoiévskiano e assim o fiz, creio eu, para nunca mais sair.

No entanto, nesse período sequer estudava formalmente Filosofia. Lia o que caía nas mãos de modo aleatório. Todavia, como amador adquiri uma cultura filosófica geral que me rendeu bons resultados, mas de nenhuma forma profunda e rigorosa como encontrei ao reingressar na Universidade após seis anos quando obtive a minha primeira formação. Agora estava eu nos corredores do Instituto de Ciências Humanas, Comunicações e Artes com sede insaciável de conhecimentos. Mas nunca havia esquecido àquela obra *achada* na Bienal. Disse comigo: “tenho um dever para com essa obra, mas não sei como e nem o quê irei fazer com ela filosoficamente”.

Creio que após duas leituras de *Memórias do subsolo*, decidi ler Dostoiévski cronologicamente e comecei lá com *Gente pobre*, depois o *Duplo*, *Noites brancas*... no matador da velha usurária, quando fui ver estava naquela obra prima da qual a vendedora gentil havia me mostrado. E, pude perceber que Jorge Luiz Borges estava certo quando disse que para entender um único livro é preciso ter lidos muitos outros.

Após leituras e releituras da obra e com a força daquilo que se tornou um clichê dito sobre os clássicos, a saber, que uma grande obra talvez nunca diga tudo o que tinha para dizer, acabei por suspeitar que o protagonista de *Memórias do subsolo* se utilizava dos famosos modos de argumentação dos cétricos. E decide investigar se de fato procedia. Enveredei-me

pela obra dos principais críticos literários, filósofos e de sua biografia monumental escrita por Joseph Frank. Estudei o contexto histórico russo e seus principais acontecimentos, mas como aquele aventureiro que teme em se perder tinha um mapa para meu auxílio: a bíblia dos céticos (*Esboços pirrônicos*).

Como o universo conspira a favor de quem vai em busca: foi com os diversos eventos promovidos pelo curso de Filosofia que tive a oportunidade de realizar um curso sobre ceticismo ministrado pelo grande nome dessa corrente filosófica no Brasil: Plínio Smith. Por isso meus sinceros agradecimentos a essas iniciativas organizadas pelo nosso corpo docente da Universidade Federal de Alagoas. Em especial a minha orientadora Dra. Juliele Maria Sievers. Uma professora que se tornou o que ela *era*. Nasceu para o ensinar, lutou para que isso acontecesse em sua vida e hoje vive em função desse amor à filosofia. Destaco aqui sua humildade, mas também seu talento como docente e pessoa. A cada orientação; sugestão, abria-se um feixe de luz em minha mente para que eu pudesse avançar e trilhar o trajeto seguro durante a investigação deste trabalho.

Entretanto, tudo estava fluindo bem, ou melhor, dentro dos padrões de normalidade quando abruptamente fomos atacados por uma pandemia. O ensino teve que se deslocar do contato físico, do olho a olho entre aluno e professor, dos professores informando que aula de Filosofia iria se iniciar, para ser restrito a um ambiente totalmente novo, jamais vivido. A pandemia que assolou todo o mundo restringiu às aulas presenciais em todas as escolas de nosso país. E nos fez rever nossas práticas docentes, nos fez fazer um novo giro e nos enxergarmos de um outro modo. As relações no meio social mudaram de modo abrupto e assim também mudaram as formas pedagógicas em paralelo. De uma hora para outra, foi uma correria sem fim. Pesquisamos sobre softwares que pudessem nos reunir de modo virtual, quebramos algumas burocracias, manipulamos novas formas de ser no mundo e conseguimos nos manter conectados: um *zoon politikon* digital. Não é que o sábio grego Aristóteles estava correto!

É claro que neste cenário inédito não sairíamos ilesos; foram e são várias às sequelas que temos a enfrentar. Aquela atmosfera da Universidade, os amigos, os professores, as conversas de corredores, as experiências do cotidiano, os zumbidos, os afagos, foram todos libertos da caixa e só ficamos nós, ou melhor, só ficou o indivíduo – *ego* - no interior da *caixa*, num extremo “solipsismo”, tal qual Descartes em sua *Segunda Meditação* quando disse: “*Cogito ergo sum*”. Todavia, assim como Pandora que em sua curiosidade abriu a caixa e dela saíram as doenças, as guerras, a discórdia, e se apercebeu do erro e a fechou, deixando presa a esperança. Considerada o pior dos males pelo bigodudo Nietzsche. Assim também saiu da caixa este vírus que se dissipou mundo à fora, mas restou nós, nos restou, restou um “eu”, restou a

esperança e isto não parece, mas basta. Pois se existe um eu, existe um outro e este outro é infinito como pensou Levinas. O novo animal político digital foi forjado na base da *coragem*.

E com essa coragem devo agradecer a Deus, esse motor imóvel, fonte e origem de todas as coisas. Que tem me livrado do mal e me acolhido com suas bênçãos. Quero agradecer a minha Mãe, Matildes Calheiros, por todo amor ofertado a mim: desde o ventre, como diz ela. A sua força de vontade exemplar; sobretudo na luta contra uma doença psíquica que a leva a tomar 19 comprimidos por dia. Mãe, “como é grande o meu amor por você”. Eu te amo e vou gritar para todo mundo ouvir.

Em memória, deixo aqui gravado minha eterna gratidão ao meu Pai que faleceu em um dia trágico no dia 03 de agosto de 1996. Apesar de ter passados todos esses anos, não teve um único dia que não sentisse sua falta. E, hoje dói um pouco, para usar do eufemismo, pois o que mais queria era vê-lo “brincar de vovô com meu filho, no tapete da sala de estar”.

Todavia, como diz Ortega Y Gasset, que o destino concreto do homem é a reabsorção de suas *circunstâncias*. Eu pretendo absorver essa *circunstância* pelo o amor que meu irmão tem pelo meu filho. Agradeço ao meu querido irmão, David Calheiros, pelo seu amor e sua gentileza. Por estar sempre atento às necessidades da nossa família. É imprescindível saber que posso contar com seu apoio tanto nos estudos como na vida. Saiba que a recíproca é verdadeira. Hoje temos duas sementes e elas vão florescer se Deus quiser!

Quero agradecer a minha esposa, Mariana Calheiros, pelo seu amor e sua dedicação. Sobretudo quando muitas vezes renuncia a si mesma para cuidar do nosso filho e de mim. Se tivesse que voltar atrás no tempo, e rever meu passado e tentar manipulá-lo de um jeito que poderia ser mais agradável a mim; eu faria tudo exatamente igual... Eu pegaria aquele ônibus lotado todos os dias nas ruas de Maceió para te ver naquele CEFET sem saber aonde isso iria dar. Eu aguardaria à hora de você largar para pegar aquele ônibus em direção a sua casa e sentaria novamente ao seu lado e proporia te dar o que eu ainda não tinha e talvez ainda não terei, que é uma vida de *bacana*. Eu passaria inúmeras vezes pela porta do seu condomínio e te ligaria para saber se você estaria ali. Ao menos para te ver. Sentar naquele banco de cimento e imaginar eu e você juntos. Eu digo tudo isso porquê te amo. Sou muito feliz ao seu lado e ter você como a mulher que me deu o maior bem que eu tenho é motivo de gratidão e honraria. Sei que não sou perfeito, mas não sou um perdedor.

Agradeço também ao meu filho José Roberto da Silva Calheiros, que carrega o nome do avô paterno em sua homenagem. Ele me fez ver o mundo com uma nova lente: a de pai. Fez-me ver que nós possuímos uma enorme capacidade de transformar situações adversas em momentos incríveis. Filho, você não é apenas um garotinho; você é uma pessoa encantadora

com uma sagacidade jamais vista. Por isso nada de “mimo” ou talvez muito pouco. A vida é um grande espetáculo certamente, mas também é um grande desafio. Hoje eu não estou “nem aí”. Você é meu, só meu. Amanhã o mundo o arrastará com sua força bruta e inapelável. E o que vou fazer quando isso de maneira inevitável acontecer? Filho, eu não sei. Mas sei de uma coisa. Vou olhar pelo retrovisor da memória e vou dizer: “vivi com você todos os momentos possíveis que me foram destinados”. Te amo!

Faço questão de agradecer aos amigos que a Filosofia (UFAL) me concedeu. Em especial, Samuel Batista, Dielson Silva, Haylton Araújo, Goodson e Felipe “Coringa”.

Gostaria de agradecer aos *companheiros de sofrimento*: Alexandre Santos, Antônio Lamenha, Costa Braz, Jair Laurentino, James Teixeira, Joatas, Manoel Sabino e Rafaella Lyra. Cada momento vivido com vocês foi um aprendizado.

Agradeço aos *programas* de iniciação científica e iniciação à docência da UFAL, nos quais pude fazer parte.

Minha gratidão ao casal de amigos, Wedja Oliveira e Danilo Henrique. Que Deus continue abençoando vocês!

Quero agradecer a Margarida Navarro por todo apoio e por ter me cedido quase que uma biblioteca inteira de origem de sua família. Nunca esquecerei desse ato de bondade.

E, por fim, quero continuar dizendo que assim como Tereza, personagem de Milan Kundera em *A insustentável leveza do ser*, que metera a vida em sua mala antes de oferecê-la a Tomas, eu, de modo análogo, digo que minha vida inteira e da minha família, vista de uma perspectiva acurada, está no interior deste trabalho.

E se para conhecer qual é a filosofia de um homem, antes é importante saber o que ele carrega no coração, está aqui o meu depoimento. Assim, espero que por meio deste espaço, o leitor possa aproveitar ainda mais o trabalho realizado. Minha vida continua aqui: morando na filosofia.



“Irmão! Não estou triste e não perdi a coragem. A vida é sempre vida, não importa onde se esteja; a vida está em nós mesmos e não no mundo exterior. Estarei cercado de pessoas e serei um *homem* em meio à multidão, e continuar a sê-lo sempre, em qualquer infortúnio, sem desanimar ou cair — eis o problema, eis o desafio. Eu entendo assim. Essa ideia eu aprendi em minha própria carne e sangue”

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski

## RESUMO

Este trabalho visa investigar no interior da obra dostoiévskiana - *Memórias do subsolo* (1864) modos de argumentação que se assemelham às características adotadas pelo ceticismo pirrônico. Nosso presente estudo está inserido no interior do pensamento dostoiévskiano, num tempo histórico em que fervilhavam o depósito de confiança em teorias que visavam alcançar por meio da razão e o do cientificismo o estado perfeito do homem. E, aqui está nosso objetivo: mostrar a recusa da voz cética quanto ao dogmatismo dessas teorias. Longe de ser uma crítica literária, nossa proposta é identificar algumas atitudes adotadas pelo *homem do subsolo*, que de alguma forma possam se remeter às características ou traços seguidos pelos cétricos pirrônicos. O trabalho será dividido em quatro capítulos: o primeiro se incumbirá de apresentar o tema a ser discutido. No segundo capítulo, mostraremos a *Gênese do subterrâneo*, discutindo o lugar e o tempo histórico em que se dá o processo de escrita da obra e alguns traços biográficos indissociáveis entre Dostoiévski e o homem do subsolo. No terceiro capítulo, *O subsolo*, demonstraremos que o protagonista se utiliza do discurso cético encontrado nas *Hipotiposes pirronianas* de Sexto Empírico para confrontar as ideias racionalistas de Tchernichévski. Desse modo, o homem do subsolo, a partir dos modos de argumentação cético como: *diaphonia*, *isosthenia*, redução ao absurdo e regresso ao infinito, exhibe as inconsistências dessas teorias, levando-as a um beco sem saída (*aporia*). Embora, o homem do subsolo se aproprie do *logos* discursivo cético e realize parte do trajeto que guia os cétricos à suspensão do juízo, este homem que vive no subsolo não alcança o estado de tranquilidade da mente. E o que é trágico: o personagem encontra-se num "estado de espírito" diametralmente oposto à *ataraxia*. É nesse sentido, que podemos afirmar que o homem do subsolo se utiliza do *logos* discursivo dos cétricos; sem, no entanto, ser de fato um deles.

**Palavras-chave:** Dostoiévski. Ceticismo pirrônico. Sexto Empírico. Ataraxia. Literatura.

## ABSTRACT

This work aims to investigate within the Dostoevskian work - *Underground memories* (1864) modes of argument that resemble the characteristics adopted by Pyrrhonian skepticism. Our present study is inserted in the interior of Dostoevskian thought, in a historical time in which the deposit of confidence in theories that aimed to reach through reason and scientism the perfect state of man was seething. And, here is our goal: to show the skeptical voice's refusal of the dogmatism of these theories. Far from being a literary criticism, our proposal is to identify some attitudes adopted by the underground man, which somehow can refer to the characteristics or traits followed by the Pyrrhonian skeptics. The work will be divided into four chapters: the first will be responsible for presenting the topic to be discussed. In the second chapter, we will show the *Genesis of the Underground*, discussing the place and the historical time in which the writing process of the work takes place and some inseparable biographical traits between Dostoyevsky and the underground man. In the third chapter, *The Underground*, we will demonstrate that the protagonist uses the skeptical discourse found in Sextus Empiricus' *Pyrrhonian Hypotyposes* to confront the rationalist ideas of Chernyshevsky. In this way, the underground man, based on skeptical modes of argument such as: *diaphonia*, *isosthenia*, reduction to absurdity and infinite regress, exhibits the inconsistencies of these theories, leading them to a dead end (aporia). Although the underground man appropriates the skeptical discursive *logos* and performs part of the path that guides skeptics to the suspension of judgment, this man who lives underground does not reach the state of tranquility of mind. And what is tragic: the character is in a "state of mind" diametrically opposed to ataraxia. It is in this sense that we can say that the underground man uses the discursive logos of the skeptics; without, however, actually being one of them.

**Keywords:** Dostoevsky. Pyrrhonian skepticism. Sextus Empiricus. ataraxia. Literature.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Considerações preliminares.....	17
1.2 Caminho a percorrer pelo subsolo.....	20
1.3 Delimitação do tema.....	22
1.4 Resumo da obra.....	24
2. GÊNESIS DO SUBTERRÂNEO.....	28
2.1 <i>Memórias</i> e seu tempo.....	28
2.2.O caráter socrático do homem do subterrâneo.....	33
3. O SUBSOLO.....	40
3.1 Homens de ação (dogmáticos) ou os homens de consciência hipertrofiadas?.....	40
3.2 O palácio de cristal de Tchernichévski: o paraíso terrestre ou o galinheiro?.....	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	66

## 1. INTRODUÇÃO

Nosso presente estudo está inserido no interior do pensamento dostoiévskiano em *Memórias do subsolo* (1864), num tempo histórico em que proclamações ideológicas advindas da Europa influenciavam o ambiente cultural russo. Esses pensamentos baseados no socialismo utópico, acreditavam dogmaticamente que, por meio da razão e o do cientificismo, poder-se-ia moldar o comportamento do homem. Deixando-o mais inclinado à razão, o homem particular não erraria. Para isso assumir um caráter universal, bastaria apenas aplicar o método lógico de indução. A crença ingênua, de modo geral, fundamentava-se na teoria de que uma vez que o homem compreendesse seu lugar no mundo material quantificável; esse não agiria mais de modo irracional.

Não pretendendo ser uma crítica literária, nossa proposta é identificar atitudes adotadas pelo homem do subsolo – protagonista central da obra – que, de alguma forma, possam se remeter às características ou traços seguidos pelos céticos, principalmente no que concerne à circunscrição do *Logos* discursivo. Isso não quer dizer que não deslizaremos na fortuna crítica de Dostoiévski, especialmente nos grandes debates que envolvem a obra em destaque, bem como o legado deixado por ela, que permitiu à inspiração de filósofos nos debates posteriores.

Os desenvolvimentos culturais mais importantes do presente século – Nietzscheismo, Freudismo, Expressionismo, Surrealismo, Teologia a Crise, Existencialismo – invocaram o homem do subterrâneo ou mantiveram ligações com ele por meio de zelosos intérpretes; e, quando o homem do subterrâneo não foi aclamado como uma antecipação profética, foi exibido como uma advertência sombria e repulsiva” (FRANK, 2013, p. 427).

Ao vermos a força que sua presença sobrepujou no ambiente cultural, já tomamos consciência da dimensão e do valor desse escrito. Nietzsche, por exemplo, ao ter acesso a obra escreveu a um amigo: “[...] Um achado fortuito em uma livraria: *Memórias do subterrâneo*, de Dostoiévski [...] A voz do sangue (como chamá-lo de outra maneira?) fez-se ouvir subitamente, e minha alegria foi extrema” (NIETZSCHE, carta a Overbeck *apud* GIRARD, 2011, p. 153-154)<sup>1</sup>. Otto Maria Carpeaux<sup>2</sup>, um dos grandes críticos literários que este país já teve, disse que Dostoiévski é o mais poderoso escritor do século XIX; ou do século XX, pois sua obra constitui o marco entre dois séculos de literatura. “Literalmente, tudo o que é pré-dostoiévskiano é pré-

<sup>1</sup> Nietzsche declara em *Crepúsculos dos ídolos* (2017, p. 79): “Dostoiévski, o único psicólogo, diga-se de passagem, do qual tive algo a aprender: ele está entre os mais belos golpes de sorte da minha vida”.

<sup>2</sup> Dentre suas mais diversas obras, nos deixou a Homérica *História da literatura ocidental*. Considerada a melhor obra deste gênero.

histórico; ninguém escapa a sua influência subjugadora, nem sequer os mais contrários” (CARPEAUX, 1942, p. 176). Como ratifica Steiner (2006, p. 162) ao referir-se à *Memórias*: “Se Dostoiévski não tivesse escrito nada mais, ele teria sido lembrado como um dos mestres construtores do pensamento moderno”.

Embora possa estar nítido para o leitor de *Memórias do subsolo* que seu protagonista seja um homem que questiona tudo ao seu redor, capaz de realizar, inclusive, uma densa investigação sobre si mesmo como uma viagem ao profundo do seu ser; e, que este homem, por reflexo de suas interrogações chegue ao ponto limítrofe de recusar o dogmatismo e a fé na ciência, talvez não seja evidente para este leitor que em *Memórias do subsolo* há uma força central que recusa o dogmatismo e se concentra sob um véu unificador que se alia a um discurso cético; embora o próprio homem do subsolo, não seja ele mesmo um cético às *origens*.

Nosso objetivo é demonstrar que o homem do subsolo possui enraizados em seu modo de ser e agir características da filosofia cética. Sexto Empírico (2020), um dos principais nomes desta corrente, define com rigor que a natureza do cético é sempre investigativa, dado que a toda razão pode se opor uma razão de igual valor. Seu entendimento parte da ideia de que “Para quem investiga alguma coisa, o resultado natural é, ou a descoberta, ou a negação da descoberta e a confissão da inapreensibilidade, ou a persistência na investigação” (2020, p.89). O cético, para Sexto, é aquele que continua na investigação. Continuar na investigação é a principal atividade do homem do subsolo que, desde as primeiras páginas, até as últimas linhas não chega a uma certeza.

A criação artística do homem do subsolo por Dostoiévski, se insere num contexto histórico no qual se acreditava que uma vez que se esclarece a real importância do ser humano, este passaria a agir exclusivamente de acordo com a razão. O homem do subsolo nasce justamente para *opor* essa ideia e, desarranjar os argumentos racionais/utilitários que imaginavam que um dia a bondade humana seria unívoca e o ser humano jamais cometeria erros.

É importante ressaltar que na Rússia desse período, os combates de ideias se originavam por meios de construções de obras literárias. Figs (2017) em seu livro *Uma história cultural da Rússia* afirma que a ficção servia de arena de disputas teóricas. E o principal expoente a ser combatido por Dostoiévski era romancista e filósofo Tchernichévski<sup>3</sup>. Esse último autor, além

---

<sup>3</sup> Nikolai Gavrilovitch Tchernichévski (1828-1889), segundo Carpeaux (2021), foi o grão-mestre do radicalismo russo. “[...] a obra realizada não justifica a grande influência literária. Mas a época era mesmo antiliterária. Era de conversas teóricas, preparando ações revolucionárias. Essas conversas constituem o único, e pálido, encanto do seu romance *O que fazer?*” (CARPEAUX, 2021, p. 641).

de ter publicado *O que fazer?* (1862), obra que inspira toda a geração posterior de revolucionários, também havia publicado *O princípio antropológico em filosofia*, negando nessa obra, de acordo com Frank (2018), a existência do livre arbítrio e, imputando todos os acontecimentos, de modo similar, como ocorre com as leis da natureza.

*O princípio antropológico* na filosofia, de Tchernichévski, obra destinada a se tornar a bíblia filosófica da geração radical da década de 1860, e sua publicação fizera explodir uma feroz tempestade jornalística. Tchernichévski propõe um materialismo simplório que considera o homem subserviente às leis da natureza (tal como definidas nos termos das ciências da época, especialmente a química e a fisiologia) (FRANK, 2018, p. 349)

Entretanto, Dostoiévski julgava que essas teorias eram descabidas, impossíveis de acontecer e que iriam trazer ainda mais destruição e caos por ignorarem um elemento primordial: o ser humano e suas complexidades. Com efeito, Pareyson (2012, p.126) afirma: “[...] Dostoiévski insiste longamente no decorrer de suas obras: o racionalismo hodierno é incapaz de compreender que suas consequências daquilo que propõe são desastrosas”.

A primeira obra importante que lançou contra esse novo credo foi *Memórias do subsolo*, em que a crença do homem do subterrâneo no determinismo de todo o comportamento humano – um determinismo que Tchernichévski afirmava ser a palavra final e definitiva da ciência – se choca irresistivelmente com as sensibilidades morais que, apesar de assim desejar, o atormentado do subterrâneo não consegue suprimir (FRANK, 2018, p. 17).

Seu materialismo e pragmatismo apontava numa direção onde o homem iria atingir um estado de contentamento na Terra. “Dê-me um pedaço de pão se eu estiver com fome e estarei satisfeito!”, diria Tchernichévski. Essa crença “ingênua” que se baseava na ideia que o ser humano funcionaria como uma lei de causa e efeito, ignorava, pelo método abstrativo, as características comportamentais inerentes a complexidade humana. Desse modo, recusava compreender que no homem também reina o aspecto irracional que lhe é próprio.

Mesmo com o rebate crítico feito por Dostoiévski<sup>4</sup> em *Memórias do subsolo*, *O que fazer* de Tchernichévski se consolidou como uma das obras que mais atingiram sucesso ficcional e, que, inclusive, teve influência direta para a revolução na Rússia. Como afirma Frank (2018), *O que fazer* foi uma das obras de propaganda de maior sucesso já escritas em

---

<sup>4</sup> Embora sua disputa no campo do saber teórico fosse bastante divergente, na vida cotidiana Dostoiévski e Tchernichévski tinha uma relação bem menos conflituosa. Em seu *Diário de um escritor*, Dostoiévski (2016, p. 64) diz: “Tchernichévski nunca me ofendeu com suas convicções. Pode-se respeitar imensamente um homem divergindo radicalmente de suas opiniões”. Inclusive negou acusações de críticos literários que afirmavam que sua obra *O crocodilo* fosse uma ridicularização de Tchernichévski. Pois, esses críticos lançaram à ideia que essa obra fosse uma alegoria. Onde o homem engolido pelo crocodilo fosse Tchernichévski.

ficção que causaram impacto tão eficaz sobre a vida de um número tão grande de pessoas. A começar pelos esforços dos discípulos imediatos de Tchernichévski para formar comunas cooperativas socialistas semelhantes às que ele descrevera e se estendendo até Lênin. Em matéria de nota, Vladimir Lenin teve acesso à obra de Tchernichévski, considerado inclusive como um seguidor desse<sup>5</sup>, e, não obstante, publicou uma obra homônima.

Durante o dia de trabalho, [Lenin] continuava escrevendo seu livreto. O título que escolheu *O que se há de fazer?* era tirado do romance do mesmo nome, de Chernyshevski. Tal como Chernyshevski descrevera como ativistas revolucionários poderiam formar comunal revolucionário, nos anos 1860, [Lenin] pretendia esboçar o modo de organizar um partido político clandestino no ambiente desfavorável do czarismo após a virada do século (SERVICE, 2006, p. 175).

Com admirável perspicácia Hugo von Hofmannsthal disse que: “nada está na realidade política de um país que não esteja antes na sua literatura”. Figes (2017) relata que alguns populista saíram das casas do país para morar em comunas de trabalho onde tudo era dividido (às vezes, até amantes), tudo em função da disseminação dessa obra de Tchernichévski. “A ficção científica servia de arena para projetos utópicos de sociedades futuras, como o ‘Quarto sonho’ do romance *Que fazer* (1862), [...] do qual Lenin tirou os seus ideais comunistas” (FIGES, 2017, p.618). O ceticismo do homem do subsolo à esta nova forma de vida que se instaurara no ambiente cultural da Rússia tinha suas razões de ser. A voz da recusa em *Memórias*, nos deixa em tom profético e alertador, o que viria pela frente e do que ainda possivelmente estar por vir.

Retomando a teoria do autor de *O que fazer*, podemos compreender que pelo método indutivo aplicado por ele, poder-se-ia construir um mundo perfeito, um paraíso na Terra. Conforme Sabino (2020, p. 261): “Na filosofia de Tchernichévski, a capacidade racional do ser humano poderia viabilizar a construção de uma sociedade justa e perfeita”. E, é aqui que justamente ocorre a *diaphonia* para Dostoiévski. A teoria de seu oponente estaria realizando um exercício racional *abstrativo* que separaria em forma de projeto futuro; características intrínsecas do ser humano. Como afirma Abbgnamo (2012): a *abstração* é uma operação mediante a qual alguma coisa é escolhida como objeto de percepção, atenção, observação, consideração, pesquisa etc. e *isolada* de outras coisas. Esse isolamento por meio da abstração é o erro que jamais deve ser realizado (especificamente nesta espécie de engenharia social), pois, o que é separado do horizonte de consciência desta teoria é a peça mais importante da

---

<sup>5</sup> Conforme sua biografia escrita por Robert Service (2006), Lenin tinha inclusive uma fotografia de Tchernichévski em sua carteira.



própria teoria, a saber, o homem e sua natureza, que inclusive (contrariando a lógica de Tchernichévski), pode amar até o sofrimento.

Desde o dia da publicação, ficou evidente que *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski, era um ataque, particularmente na Parte I, à filosofia de Tchernichévski. [...] Pode ser que Dostoiévski também tenha creditado que o homem era capaz do bem, mas considerava-o igualmente cheio de inclinações más, caprichosas, irracionais e destrutivas [...] (FRANK, 2013, p.430)

Este desacordo que surge entre Dostoiévski e o pensamento racional e utilitário, principalmente exposto na figura de Tchernichévski, vai fazer com que o personagem principal de *Memórias do subsolo* desenvolva um discurso que irá, senão destruir, ao menos abalar as crenças utópicas destes autores. O homem do subsolo não acreditava que fosse possível reduzir a natureza do homem a um aspecto uno – racional -, “[...] com efeito, que se há de fazer quando tudo estiver calculado numa tabela?” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 38).

Pensai no seguinte: a razão, meus senhores, é coisa boa, não há dúvida, mas razão é só razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 41).

Frank (2013) expõe que toda reação autocontraditória vista nos primeiros capítulos da obra deriva dessa dialética determinista, que é impulsionada pela contradição entre a aceitação intelectual do determinismo de Tchernichévski por parte do homem do subterrâneo e sua rejeição simultânea desse determinismo. De acordo com Sabino (2020), Tchernichévski defendia uma filosofia progressista que estivesse de acordo com a ideia já provada pelas observações dos fisiologistas, médicos e zoologistas de que o ser humano não pode ser dividido entre alma e corpo. Sabino salienta que para Tchernichévski era impossível progredir sem o apoio das ciências exatas, sendo imprescindível adotar um novo modelo de pensamento para investigar o ser humano tal como ele é.

Assim, irá defender a tese de que a filosofia, em diversos campos do conhecimento, precisava aderir ao método das ciências exatas. Para Tchernichévski, considerando os avanços científicos, não faria mais sentido tratar dos problemas humanos senão pela ótica da ciência e da razão concreta (SABINO, 2020, p. 265).

O homem do subsolo recusa a tese de Tchernichévski e se revolta; não sem motivos. Vejamos o que diz Tchernichévski em seu *Princípio Antropológico na Filosofia* (2002): As ciências naturais já evoluíram a tal ponto que também fornecem solução exata para problemas

morais. Continua Tchernichévski (2002), todos os pensadores progressistas entre os que estudam as ciências morais começaram a resolver esses problemas com o auxílio de métodos precisos semelhantes àqueles pelos quais os problemas das ciências naturais estão sendo resolvidos. O opositor de Dostoiévski apostava que a humanidade poderia progredir como as ciências. Desse modo, entendia que todos os problemas humanos poderiam ser resolvidos com rigor e critérios exatos equivalentes aos das ciências naturais. Entretanto, essa teoria por mais que seja vista com um primor de boas intenções, esquece-se de que o ser humano é um ente diferente de tudo o que há no mundo.

Por isso, a revolta e a recusa do homem do subsolo frente esta corrente ideológica. Para o homem do subterrâneo, aceitar a teoria determinista<sup>6</sup> de Tchernichévski é rejeitar intuitivamente a perda da personalidade moral; suas escolhas, sua liberdade e, tornar-se apenas tecla de órgão: um mero autômato. A revolta discursiva do homem do subsolo não é outra coisa senão a própria força que caracteriza o arsenal cético.

### 1.1 Considerações preliminares

Durante o processo desse estudo teremos contatos com outros autores, sejam filósofos ou pensadores em geral, que nos propiciarão refletir filosoficamente a partir desta obra de Dostoiévski, sem perder os trilhos que nos encaminham para o objetivo específico desta investigação: o que para nós chega a ser gratificante poder retirar deste Clássico coisas que ainda não foram ditas<sup>7</sup>, ou ditas pelos menos não deste modo<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> De acordo com Abbagnano (2012): o determinismo é a doutrina que reconhece a universalidade do princípio causal e, portanto, admite também a determinação necessária das ações humanas a partir de seus motivos. Constitui-se como uma ordem racional; justamente aquilo combatido pelo homem do subsolo.

<sup>7</sup> Italo Calvino (2007, p. 10-11) diz com maestria que: “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo.” Este mesmo autor tem para mim a melhor definição sobre uma obra desse porte, vejamos: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (2007, p. 11).

<sup>8</sup> Renan Silva Carletti fez um estudo digno de nota em seu mestrado em ciências da religião intitulado: *O ceticismo como método crítico em Memórias do subsolo de Dostoiévski*. Embora ouse trilhar outro caminho de investigação, Carletti (2015) entende que não há em *Memórias de subsolo* uma presença marcante e estrutural do ceticismo pirrônico na obra. Diferentemente dessa interpretação, nosso estudo demonstra que não há apenas uma forte presença estrutural do ceticismo nessa obra de Dostoiévski, mas dessa estruturação cética depende todo o fio condutor que ligará esse escrito de Dostoiévski às demais obras pós-siberianas. Parece-nos que esse é um dos poucos equívocos do estudo de Carletti. De resto, temos alguns pontos em comuns e partilhamos algumas reflexões que não destoam substancialmente.

Corre sempre o risco de ser chamado de reducionista estrutural<sup>9</sup>, o estudioso que pretende analisar uma obra de Dostoiévski, ainda mais quando se trata de uma investigação sob uma ótica sutil da filosofia. Por isso, deixamos já alertados os leitores que nosso comprometimento com a obra à sombra de uma pesquisa específica jamais fará com que ela seja reduzida ao objeto central de nossa análise. Portanto, de antemão, a sirene do perigo já está soando.

Nesse sentido, ao dialogarmos com outros autores<sup>10</sup>, será feita uma intervenção reflexiva a respeito de conteúdos que a obra nos oferece e que suscitam reflexões sobre os pensamentos daqueles. Embora o ponto de partida esteja em Dostoiévski, e sua obra seja nosso foco central de estudo, ainda será possível transitar pelos pensamentos desses autores e mostrar como *Memórias do subsolo* se conflui e influencia-os, pois, como atesta Frank (2013, p. 427): “Nenhum livro ou ensaio que estuda a situação precária do homem moderno estaria completo sem alguma alusão à explosiva figura de Dostoiévski”.

Outro ponto relevante a ser ressaltado são as conexões que a obra em estudo tem com outras obras de Dostoiévski. Nesse sentido, um diálogo entre elas é irrefreável, e não estamos dispostos a ir contra a natureza das coisas. Se vemos por este ângulo, pouparemos forças. Assim, sempre que nos for oportuno, trataremos de estabelecer uma comunicação entre suas obras. Tal movimento não tem nada de original, muito pelo contrário; vários autores que trabalham Dostoiévski sabem que este é um procedimento não só válido, mas necessário e comum.

Personagens como Raskólnikov<sup>11</sup>, Míchkin, Kirilóv, Ivan Karamazov e outros, deslizarão sobre esses papéis ou telas, afim de demonstrar que a característica existencial, personalidade, pensamentos, comportamentos e ações já se encontram presentes no homem do subsolo. Entretanto, ante uma forma ainda em *potencial*<sup>12</sup>. Eroféiev (2021), inclusive, afirma que Nikolai Stavrógin e Ivan Karamazov são os irmãos caçulas de Raskólnikov.

---

<sup>9</sup> Como afirma Berdiaev (2021, p. 11): “Escreveu-se muito sobre Dostoiévski, coisas verdadeiras e interessantes. Mas ninguém soube abraçar o conjunto de sua personalidade. Os que estudaram, fizeram-no a uma luz restrita e não consideraram nele senão o que se integrava no quadro de suas pesquisas”.

<sup>10</sup> Embora estejamos inclinados a estudar o papel cético exercido em *Memórias*, ainda poderemos ver pensamentos como de Schopenhauer, Kant, Nietzsche, Wittgenstein e Camus em um diálogo com essa obra.

<sup>11</sup> Personagens respectivos de: *Crime castigo*, *O idiota*, *Os demônios*, *Os irmãos Karamazov*.

<sup>12</sup> Na *Metafísica*, Aristóteles (2002) diz que existem várias formas de se dizer o *ser*: para fins deste estudo, em linhas gerais, basta entendermos que *potência* significa algo que neste momento ainda não é, todavia pode vir a ser. A potência é uma possibilidade de que algo se torne uma “outra” coisa; sofrer mudança sem, no entanto, perder sua essência. Ou seja, nela já está contida condições necessárias para se atualizar em Ato. E Ato é algo que o *ser* já é em seu estado atual. Ambos são recíprocos, o que fez gerar nos pré-socráticos uma cisão de concepções na forma que se diz o *ser*. Para Heráclito tudo era o devir, já para Parmênides o *ser* era estático e imutável.

Desse modo, uma vez que o protagonista de *Crime e castigo* surge das *memórias* do homem sem nome que habita o subterrâneo, todos esses outros personagens que assumem um papel equivalente filosófico, de maneira categórica, seja artística ou filosófica possuem em sua genética o código do homem do subsolo.

Se como diz Frank (2008, p.421): “[...] [Dostoiévski] teria afirmado que toda a literatura russa do seu tempo teve origem em *O capote*, de Gógol. [...] nasceram mesmo de dentro das dobras folgadas do casaco de Gógol”, podemos certamente afirmar que todos os romances posteriores as *Memórias do subsolo* saíram de debaixo das memórias deste homem que mora no subterrâneo. Pois, como afirma Tchirkóv em *O estilo de Dostoiévski*:

É justo nessa obra que aparecem pela primeira vez várias generalizações histórico-filosóficas e histórico-sociais, uma série de aforismo e fórmulas que servirão de base à subsequente evolução de Dostoiévski como escritor (2022, p. 51).

Desse modo, o que pretendemos demonstrar é que o *Logos* discursivo dos cétricos se constitui na peça principal para que se entenda a obra em sua dimensão mais aprofundada. Uma vez que se percebe que o homem do subsolo se apropria da argumentação cética – demonstrando sua *habilidade* discursiva (apresentada nas *Hipotiposes pirrônicas*), descartar ou ignorar esta marca, equivale a desconhecer o *fundo motivacional* pelo qual a obra foi construída. Como afirma Sexto Empírico:

A filosofia examinadora é a habilidade de opor coisas que aparecem e coisas pensadas de todas as maneiras possíveis, levando-nos a, por meio da equipolência entre coisas e discursos opostos, primeiro a suspensão do juízo e, depois, à imperturbabilidade<sup>13</sup>. (2020, p.95)

Isso não implica defender que *Memórias do subsolo* deva ser lida apenas segundo este fio de análise, pois uma obra literária não está alicerçada de maneira estática em contextos: social, histórico, político, econômico ou cultural; ela é a própria vida, complexa e possivelmente inabarcável, portanto.

A obra de ficção transcende todos estes aspectos. Ora, como é sabido, desde que Aristóteles (2002) escreveu em sua *Metafísica*, a imaginação é força propulsora que faz o elo entre o sensível e o inteligível. Além dos mais, na *Poética* (2015) deste mesmo filósofo, sabe-se que a literatura é maior e mais importante do que a História, pois lida com o universal e o

---

<sup>13</sup> Com o desenvolvimento do estudo será mais propício demonstrar o porquê que o homem do subsolo não atinge a imperturbabilidade.

possível<sup>14</sup>. Na Comédia, se aprende a mimese de homens inferiores, na qual podemos ter acesso a experiência de vícios, do erro, da vergonha, do feio, dentre outras situações. Em contrapartida, é através da Tragédia que importamos ao nosso imaginário a mimese de homens de caráter elevado, “[...] por meio de ações dramatizadas e não por meio de uma narração, e que, em função da compaixão e do pavor, realiza a catarse de tais emoções” (ARISTÓTELES, 2015, p.73.).

Deste modo, a literatura e seus variados gêneros, os quais ainda não haviam sido criados na época de Aristóteles, como é o caso do Romance e do gênero autobiográfico, criado por Agostinho, nos dão as ferramentas indispensáveis para quem almeja procurar entender o mundo e a si mesmo. Ela, a literatura, nos fornece elementos para a capacitação do ato de filosofar; contribui nos trazendo variadas situações humanas, que sem a sua ajuda o filósofo terá maior dificuldade e até mesmo poderá correr o risco de que sua filosofia se distancie da verdade/realidade. Assim, desprovido de um arcabouço imaginativo para problematizar, tematizar; como pode o filósofo propor soluções perante a existência humana? Como poderá refletir sobre a *Angustia*<sup>15</sup> se o filósofo não teve a oportunidade de enxergar tal sentimento no ser humano em suas inumeráveis idiossincrasias? Ora, ele teria que viver todas as variações humanas, teria que sentir todos os modos de existir; coisa que seria pela nossa própria finitude, incapaz de fazê-lo.

Portanto, ainda, a literatura nos fornece variadas situações humanas, na qual o filósofo preenche seu um arcabouço imaginativo para problematizar e propor soluções perante a vida e o mundo que o cerca. Se o que não pode estar em seu imaginário, não pode ser concebido sequer como uma mera possibilidade.

## 1.2 Caminho a percorrer pelo subsolo

Devemos salientar aos leitores familiarizados ao estilo de análise estrutural de textos inserido no Brasil com Marcel Gueroult, no qual consiste dentre outras formas de estudo, analisar o texto em sua consistência lógica interna, que este estudo apesar de ainda estar imbricado neste método acadêmico, aos poucos vai tomando um estilo mais leve e solto para

---

<sup>14</sup> “[...] Como explicado por Aristóteles: o escritor de poesia ou ficção diz apenas ‘que seja assim’, e adota postulados que podem ser tão distantes da experiência comum quanto os de *Alice no país das maravilhas*” (FRYE, 2021, p. 106).

<sup>15</sup> Título de uma obra de Graciliano Ramos que nos faz refletir sobre a existência; outra obra que podemos comparar a esta, pelo eixo temático, é *A náusea* de Sartre. Ambas obras tratam do aspecto humano sob o viés existencialista.

tomar um dinamismo próprio. Pretender ser original seria muita pretensão e com efeito “O que foi tornará a ser, o que foi feito se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol.” (Ecl 1,9)<sup>16</sup>, mas o leitor pode esperar deste estudo uma reflexão filosófica com profunda sinceridade.

Ademais, se passagens bíblicas forem surgindo como reflexo de um diálogo frutífero que se desenvolve no texto, não devemos estranhar. Como afirma Northrop Frye (2021)<sup>17</sup> - um dos mais influentes teóricos da literatura – os elementos da Bíblia criaram uma estrutura imaginativa – um universo mitológico, dentro da qual a literatura ocidental opera até hoje. Sem contar que o próprio Dostoiévski conversa com Jesus Cristo em várias de suas obras<sup>18</sup>.

Dito estas recomendações, pretendemos apresentar no **segundo capítulo**, intitulado *Gênesis do subterrâneo*, duas seções que remontam a origem de *Memórias do subsolo*; no que concerne seu lugar no tempo histórico e seu processo de criação artística.

Na primeira seção, *Memórias e seu tempo*, falaremos das impressões que Dostoiévski sentiu para construir uma personagem da magnitude do homem do subsolo. Bem como, o período e os acontecimentos que agitavam o ambiente cultural russo e pelo qual Dostoiévski se revolta. Nossa exposição se dará numa medida orientada e articulada aos aspectos interligados com sua biografia: o teatro do fuzilamento, sua condenação aos trabalhos forçados, a doença de sua esposa e mais alguns dramas, que acompanharam o autor russo durante a construção da obra.

Na segunda seção, *O caráter socrático do homem do subterrâneo*, analisaremos o perfil da personagem principal da obra e iremos mostrar como *Memórias do subsolo*, pelo menos na primeira parte, se assemelha a um diálogo socrático. O intuito do homem do subsolo neste evento que iremos tratar é investigar desde a superficialidade de seu caráter até as profundezas de sua alma. Este primeiro contato com a pessoa do homem do subsolo nos permitirá ver de perto como este indivíduo promove uma investigação sobre si mesmo e sobre seu entorno russo. Como diz Sexto (2020), o cético possui uma orientação examinadora pela atividade de investigação e exame. É nisto que nos deparamos quando abrimos *Memórias*. A personalidade

---

<sup>16</sup> Essa citação pode indicar que não se pode ser original em Filosofia, o que certamente é falso. Mas o que quero ressaltar é que *se* este estudo consegue demonstrar que o homem do subsolo utiliza do ceticismo como método crítico para contrariar o ambiente cultural russo no qual está inserido, é porque este êxito foi alcançado graças ao conjunto de análises bem-sucedidas feitas por grandes pensadores em função desta obra.

<sup>17</sup> Em *O grande código: a Bíblia e a literatura* (2021), Frye afirma que: “um estudante de literatura [...] que desconheça a Bíblia não compreenderá grande parte do que acontece no que lê: mesmo o mais aplicado dos estudantes interpretará erroneamente, com frequência, os subentendidos e até mesmo significados” (2021, p.10)

<sup>18</sup> Com mais propriedades em: *Crime e castigo* (1866), *O idiota* (1869), *Os demônios* (1872) e *Os irmãos Karamázov* (1879). Em *Memórias do subsolo* há um diálogo como se o homem do subsolo tivesse uma obstrução que o impedisse de escutar a voz de Deus: “E ouviu a voz de Deus num poço tapado” (PESSOA, 1944, verso 62).

do homem do subsolo vai ficando mais nítida para o leitor ao passo que ele narra suas sensações, confusões, sentimentos e frustrações ao longo do solilóquio.

No **terceiro capítulo**, *O subsolo*, apresentaremos duas seções que se passam no interior estrutural da primeira parte da obra. Na seção inicial deste capítulo, intitulada: *Homens de ação (dogmáticos) ou os homens de consciência hipertrofiadas?*, mostraremos a quem diretamente o homem do subsolo se reporta: aos homens de ação. O homem do subsolo – como um cético – irá mostrar a precipitação na qual o homem de ação adere facilmente as ideais de Tchernichévski sem que essas propriamente passem por um filtro de considerações críticas. Iremos demonstrar que o homem do subsolo discorre seus argumentos de modo didático, podendo a partir desta argumentação, apresentar a seus interlocutores todas as consequências da aceitação das teorias disseminadas no ambiente russo pelo o autor de *O que fazer?* O discurso do homem do subsolo irá “provar” as inconsistências dessas teorias que, dentre as várias extraídas, podemos apontar a perda da própria liberdade. O método utilizado por este homem rato para demonstrar o impasse que decorrem dessa teoria são claramente os modos céticos: *regresso ao infinito* e o de *redução ao absurdo*.

Na segunda seção, intitulada: *O Palácio de Cristal de Tchenichévski: o paraíso terrestre ou o galinheiro?*, mostraremos o *logos* discursivo cético encontrado no homem do subsolo, exposto principalmente pela *diaphonia* e *isosthenia*. Dostoiévski irá fazer com que o homem do subsolo demonstre toda sua habilidade investigativa, no intuito de levar a teoria racionalista de Tchernichévski a contradições e inconsistências. O homem do buraco de rato apontará o encontro inicial com um desacordo entre opiniões, até levar essas opiniões a se igualarem em termos de força persuasiva. Entretanto, como será provado, o destino final do processo cético não é atingido pelo homem do subsolo, a saber, a ausência de perturbação da mente (*ataraxia*).

### 1.3 Delimitação do tema

O ceticismo que iremos nos fundamentar com o intuito de demonstrar que o homem do subsolo faz uso é o da escola pirrônica. Tendo como seu principal representante o filósofo Sexto Empírico, que deixou os escritos mais valiosos para os céticos: as *Hipotiposes Pirrônicas*, também conhecida como a *Suma*<sup>19</sup> dos céticos. Em seu interior, nos focaremos nas

---

<sup>19</sup> Alusão ao corpo de doutrina que fundamenta os dogmas da igreja católica.

*características dos céticos, nos modos gerais de suspensão do juízo.* Mostraremos que os argumentos do homem do subterrâneo baseiam-se nos modos de argumentação transmitidos por Agripa.

Tematizaremos principalmente nestes modos de suspensão do juízo: a *diaphonia*, *regresso ao infinito e modo hipotético*. Mesmo com este aparato referencial, não deixaremos de analisar outros aspectos comuns à argumentação cética, a saber, *o paradoxo e a ironia*, muito presentes na obra em estudo de Dostoievski.

A consciência deste homem exterioriza todo o seu sentimento de finitude; que está disposto a ir até o fim das investigações, onde muitos outros não chegarão nem sequer a metade do caminho. E, que por sua vivaz característica dos *Skeptikós* – aquele que investiga – acaba não chegando a ser nada, inclusive, nem mesmo se tornado alguém mau. Isso porque diferente dos céticos que buscam a verdade, mas que no processo de investigação se deparam com teorias que se equivalem, sendo, portanto, obrigados a suspenderem o juízo, e assim, encontram a *ataraxia* – estado de tranquilidade da alma, o homem do subsolo não se satisfaz nem mesmo com a equipolência dos argumentos: ele percebe que tudo é problemático na esfera humana e não consegue atingir um estado tranquilo.

É nesse sentido que pode-se afirmar que o homem do subsolo utiliza da argumentação cética, mas, no entanto, ele mesmo não sendo um, como já havíamos dito. Após este momento, nos atentaremos em escavar a obra, procurando e apresentando o *Logos* discursivo cético; na qual vemos a recusa do homem do subsolo à uma ideologia utópica baseada em um racionalismo<sup>20</sup> utilitário desenvolvido por Tchernichévski. Desse modo, apresentaremos alguns traços contextuais-históricos da Rússia, nos quais pensamentos conflitantes fervilhavam.

O que realmente queremos que o leitor entenda (e talvez estejamos sendo repetitivos demais), é que esse *logos* cético que iremos demonstrar ao longo do estudo, não se limitará a analisar *Memórias do subsolo* sob uma forma rígida, onde se extrai da obra um recorte e trabalha-o esmiuçando os mínimos detalhes, para em seguida, alocar Sexto Empírico, trazendo sua obra magna e demonstrando minuciosamente que os argumentos se assemelham aos dos céticos, e que realmente o homem do subsolo se apropria deste gênero filosófico discursivo. E, assim, a investigação terminaria com a prova de que realmente este homem flerta com o ceticismo. Todavia, procuraremos na medida do possível e do rigor metodológico fazer com

---

<sup>20</sup> O racionalismo a que nos referimos não se trata do racionalismo que se inaugura na modernidade com Descartes, e que, se envereda nas discussões com o empirismo, procurando ser o dono da verdade sobre a fonte do conhecimento. Mas sim ao império da Razão como guia do agir humano: uma espécie de positivismo científico.



que a voz do subsolo, um livro que deveria ser impresso por todas as editoras na cor vermelha (para aludir o escrito com sangue de Nietzsche), pudesse ser aproveitada de outras formas que não apenas reduzindo-a ao objeto central de nosso estudo. De fato, a obra inextricavelmente esta aludida a dúvida, inquietações, questionamentos, aporias, mas a partir destas, vão se levantando discussões filosóficas de real valor, e seria uma pena, para não dizer, um erro, deixar escapar esse momento.

#### 1.4 Resumo da obra

A obra é dividida em duas partes, a saber, *Subsolo* e *A propósito da neve molhada*. Na primeira temos um relato “filosófico” de um homem que se considera doente, repleto de dúvidas e insatisfações, posto: “[...] que uma consciência não só uma dose muito grande de consciência, mas qualquer consciência, é uma doença” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 19). Como sustenta Pareyson (2012), há nesta obra uma análise da consciência solitária e fantasiosa, que apresenta a consciência como uma doença, pois produz a dúvida, incerteza, hesitação e, portanto, a infelicidade.

Esta parte da obra é contida por 11 pequenos capítulos, consistindo substancialmente em um solilóquio, porém contendo reflexões que devem ser entendidas pelo leitor como de um homem que vive seus últimos dias e que por isso tem uma enorme celeridade para relatar à sociedade suas memórias mais profundas. Nesta parte inicial, o ex-funcionário público expõe seus pensamentos como se estivesse com um megafone nas mãos e se dirigisse às pressas até a praça pública ou poderíamos citar aqui a imagem do rio Niévská, mais populosa da cidade - frequentada pelos mais diversos tipos de pessoas, entre elas: jornalistas, cientistas, religiosos, incluindo os pensadores da época, a fim de delatar o anseio precipitado de seus contemporâneos às adoções ideológicas e mudanças na forma de vida que, antes de tudo, baseavam-se na tese de que uma vez que o homem se inclinasse para o racionalismo, o ser humano deixaria de cometer erros. Como ratifica Nabokov:

A primeira parte é um solilóquio, mas um solilóquio que pressupõe a presença de uma plateia-fantasma. Ao longo dessa parte, o homem-rato, o narrador, se dirige com frequência a um público aparentemente composto de filósofos amadores, leitores de jornal e aquilo que chama de pessoas normais (2014, p.161).

Entre outras coisas, o homem do subsolo sabia que além deste aspecto casuístico em jogo, havia também uma outra espécie de destruição que estava ocorrendo no limiar do alcance

de conhecimento dos homens de ação. E, esse processo só poderia ser visto por alguém que possuísse uma consciência hipertrofiada e vivesse no subsolo, pois era ali, na fundação, que o castelo estava ruindo. Sua análise era de alguém que tinha a bússola que indicava o caminho da humanidade: “Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada” (PESSOA, 1944, verso 13).

O homem do subsolo percebe o desbotamento da imagem de Deus e o possível desdobramento deste acontecimento. O memorialista retrata-se como sendo um personagem que, “expõe seus pontos de vista e como que deseja esclarecer as razões pelas quais apareceu e veio aparecer em nosso meio” (DOSTOÍEVSKI, 2009, p.14), e mostrando como um dom profético, o que todos deveriam saber e que aparentemente só ele havia diagnosticado.

[...] o temperamento do dramaturgo fica implícito no tom inequívoco e nas idiosincrasias do narrador dostoiévskiano. A voz fala diretamente ao destinatário, e naquele que é provavelmente o mais dostoiévskiano dos livros, *Memórias do subsolo*, as relações entre o “eu” e o público estão vestidas com a retórica do drama (STEINER, 2006, p.109).

O homem que sai ao rio Niévski, inquieto e incompreendido - com o megafone a berrar -, é o mesmo homem de que falara Nietzsche. Com efeito, Schnaiderman (2009) relatou que Górkki deixou uma anotação em que dizia que todo Nietzsche estaria em *Memórias do subsolo*. O texto que extraio de *A gaia ciência* (aforismo 125) e exponho abaixo, nos dar uma evidência desta aproximação entre os pensadores e, principalmente, faz reluzir o que o homem do subsolo havia constatado.

[...] Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!” - E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma enorme gargalhada. Então ele está perdido? Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. [...] Gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – você e eu. Somos todos assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do sol? [...] Não vagamos como que através de um nada infinito? [...] Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! Nós o matamos!” (NIETZSCHE, 2012, p. 137-138).

Nietzsche observou que “Deus<sup>21</sup> estava morto”, desse modo, reduzimos a estrutura da realidade aos aspectos sensitivos materiais. Kant - como um fiscal epistemólogo – em sua *Crítica da razão pura* (1781), delimita até onde podemos conhecer, ou seja, apenas os fenômenos<sup>22</sup>. Camus (2020) tem a sensação que todo conhecimento verdadeiro é impossível: “Só se pode enumerar as aparências e apresentar o ambiente” (*IBIDEN*, p.32) Wittgenstein (2020), um pouco mais autoritário<sup>23</sup>, mas com genialidade notória, disse em seu *Tractatus* (1921) que, aquilo que não podemos falar, devemos nos calar; ou seja, o transcendente é silenciado: “[...] sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em sua proposição” (2020, p.261). A rigor, nas próprias palavras de Wittgenstein: “O livro trata dos problemas filosóficos e mostra – creio eu – que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica da nossa linguagem” (2020, p.125). O que certo modo espanta àqueles recém iniciados à filosofia de Wittgenstein e que acostumados a filosofia à moda clássica, se veem perdidos, sem chão, por ter “caídos as escamas dos olhos” e lhes sugerirem que todo o legado e as discussões que iniciaram com Sócrates – se entendermos este como o agente principal do ato de filosofar - passando pela filosofia medieval e até mesmo parte da moderna, são apenas, em uma medida radical: *flatus vocis*. Ou seja, discussão e investigações ausentes de sentido e que, portanto, assim como sua “escada” devem ser descartadas<sup>24</sup>.

O impacto deste desdobramento da filosofia *tractariana* é de uma dimensão revolucionária para a filosofia, como já havíamos mencionado. A pergunta pertinente que se faz aqui é: será mesmo que aquilo que não podemos falar, devemos nos calar? O místico (*das Mystische*), ao qual não se refere ao mundo, é considerado por Wittgenstein como o indizível – por ultrapassar os limites lógicos da linguagem. Ora, é uma renúncia radical a toda e qualquer espécie de metafísica. E, o que foi posto no lugar do transcendente; do metafísico? Ora, o que se coloque em seu lugar é algo artificial e jamais preencherá seu lugar, portanto, o que há é o vazio. Dessa forma, “ ‘A morte de Deus’, portanto, significa o desaparecimento da dimensão

<sup>21</sup> Reale (2014, p.23) afirma que: “ ‘Deus’ e ‘Deus cristão’ são empregadas, no pensamento de Nietzsche, para indicar o mundo suprassensível em geral”.

<sup>22</sup> Dostoiévski, com efeito, teve acesso à principal obra de Kant, em uma carta enviada a seu irmão Mikhail, logo após cumprir quatro anos de detenção com trabalhos forçados, Dostoiévski diz: “Envie-me o *Alcorão*, *A crítica da razão pura*, de Kant, e, sem perder um dia, mande para mim, pela via clandestina, sobretudo a *História da filosofia*, de Hegel. Todo o meu futuro depende disso” (Dostoiévski, 2010, p.320).

<sup>23</sup> “[...] não indico fontes, porque me é indiferente que alguém mais já tenha, antes de mim, pensado o que pensei” (2020, p.125).

<sup>24</sup> Veja o que diz Camus (2020, p.41): “ ‘Eu conheço isto!’ Este coração que há em mim, posso senti-lo e julgo que ele existe. O mundo, posso tocá-lo e também julgo que ele existe. Aí se detém toda a minha ciência, o resto é construção. Pois quanto tento captar este eu no qual me asseguro, quanto tento defini-lo e resumi-lo, ele é apenas água que escorre entre meus dedos”.

da transcendência, a anulação total dos valores ligado a ela, a perda de todos os ideais” (REALE, 2014, p. 25). Justamente o que Nietzsche disse: a ausência de sentido. A morte de “Deus” é a morte do supremo bem, como chamava Platão.

Sim! A morte de Deus, porque Wittgenstein afirma que a totalidade do mundo são os fatos e Deus não habita neste mundo. O filósofo da linguagem afirma: “Existe com certeza o indizível. Isto se mostra, é o que é místico”<sup>25</sup> (6.52). O místico parece tomar um campo subjetivo, o Deus de Wittgenstein não está no mundo, mas parece habitar o seu mundo interno. Em seu diário de 15/03/1951: “Deus pode me dizer: ‘julgo-o a partir de sua própria boca. Você se sacudiria de nojo de suas próprias ações se as visse em outro’”<sup>26</sup>. Esse desabafo do filósofo austríaco se assemelha a consciência do homem do subsolo: “[...] terão outras pessoas semelhantes prazeres? Vou explicar-vos: o prazer provinha justamente da consciência demasiado viva que eu tinha da minha própria degradação” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.20).

De acordo com Drucker (2010), é em *Memórias do subsolo* que Dostoiévski esclarece, pela primeira vez, os fundamentos filosóficos do niilismo russo, apresenta suas incoerências e conclui que o niilismo só produz devastação. Ainda sob análise de Drucker (2010), Dostoiévski aceita as premissas de Tchernichévski para mostrar as consequências indesejadas pelo niilista, demonstrando que a única conclusão a ser aceita é: não há nada a fazer, ou seja; é ficar sentado “No trono de um apartamento / Com a boca escancarada, cheia de dentes / Esperando a morte chegar” (SEIXAS, 1973)<sup>27</sup>.

Este viés argumentativo cético do homem do subsolo ocorrerá em toda a extensão da obra e, é por meio deste ponto arquiédico que nosso estudo será balizado. Segundo Frank (2013,) a estratégia de Dostoiévski era destruir, a partir do interior dos próprios argumentos de seus adversários, as pressuposições e possibilidades lógicas à sua conclusão coerente e chegar a um impasse destrutivamente insolúvel.

Na segunda parte, com o título *A propósito da neve molhada*, o homem do subsolo narra momentos de sua vida anterior, quando ainda era um funcionário público. É a parte mais extensa<sup>28</sup>, ali, o homem do subsolo faz uma digressão, narrando o que se passou com ele há 20

---

<sup>25</sup> Os filósofos antigos tratavam a linguagem como vassala e não como rainha, ver por exemplo o *Crátilo*. É com Wittgenstein que essa concepção altera, deixando-a em primeiro lugar; com os aspectos de uma discussão e ferramenta científica, a linguagem faz aquele giro tão falado.

<sup>26</sup> *Vermischte Bemerkungen*, p.163.

<sup>27</sup> O cantor e compositor Raul Seixas (1973) demonstra em *Ouro de tolo* seu inconformismo com sua atual condição. Mesmo sendo um cidadão respeitável que, ganha quatro mil cruzeiros por mês, que têm sucesso como artista, que possui um carro do ano e que mora em lugar aprazível; ele confessa abastalhado, que está extremamente decepcionado com estes ganhos materiais. A própria expressão “ouro de tolo” nos sugere uma espécie de dúvida (engano), enfim.

<sup>28</sup> Embora não trataremos esta parte.

anos. Em suas narrativas aparecem eventos comuns da vida, situações corriqueiras, como conversas e eventos sociais, mas também é marcado pelas enormes situações paralisantes que inquietam o homem do subsolo, o levando muitas vezes à inação. Sua consciência hipertrofiada, como costuma falar, revelava que “[...] o resultado direto e legal da consciência é a inércia, isto é, o ato de ficar conscientemente sentado de braços cruzados” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 29).

É bem verdade que a segunda parte da obra se integra a primeira e fecha o discurso do homem do subsolo em um sistema marcado por frustrações, inquietações e egoísmo. Nitidamente a obra é rica e daria espaço para muitas outras discussões filosóficas (inclusive em uma investigação ainda sobre o ceticismo), mas fizemos uma escolha metodológica; que se adentrássemos na segunda parte; o estudo se prolongaria em demasia e fugiria do objetivo atual deste empreendimento acadêmico.

Após termos identificados os aspectos introdutórios de nosso intuito com este estudo; feito as considerações preliminares; apresentarmos o trajeto que iremos seguir durante esta caminhada pelo subsolo; delimitarmos o tema em discussão e apresentarmos o resumo da obra, é o momento de avançarmos ao segundo capítulo. Nele será possível apresentar o leitor a origem dessa obra e falarmos de sua estrutura.

## **2. GÊNESIS DO SUBTERRÂNEO**

### ***2.1 Memórias e seu tempo***

Nada em Dostoievski é superficial. O próprio título da obra já nos concederia uma agradável discussão. O subsolo nos inclina a pensar sobre uma multiplicidade de significados, e um deles, certamente, é o que está oculto na consciência do homem, escondido; velado... Entre outras situações, como “[...] coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.52). E, teve mesmo gente que propôs um outro nome para o título da obra. Nabokov (2014), certa vez disse que este livro deveria ser chamado de “Memórias de debaixo do chão” ou “memórias de um buraco de rato”, ao invés da estúpida tradução feita para o inglês “*Notes from the underground*”.

No Brasil, o título teve várias traduções: *Notas do subsolo*<sup>29</sup>, *Diário do subsolo*,<sup>30</sup> *Notas do subterrâneo*<sup>31</sup>, *Memórias do subsolo*<sup>32</sup>. Escolhemos esta última tradução pelo *Ethos* que carrega o seu tradutor, Boris Schnaiderman.

Nesta seção, traçamos um panorama a respeito daquilo que inquietou Dostoiévski de um modo mais profundo após seu período pós-siberiano, a saber, a influência da Europa e os pensamentos revolucionários ombreados pela figura de Rousseau e dos ideais franceses *Liberté, Egalité, Fraternité* sobre o povo russo. O importante notar nesta exibição é a crítica de Dostoiévski ao socialismo utópico e sua crença destinada a outro reino governado não pelo Verbo que se fez carne, mas por um *deus ex machina*, bem como sua recusa aos movimentos revolucionários.

Antes de aplicar o método satírico e cético na cabeça do homem do subsolo, que é, a rigor, o modo como *Memórias* está estruturado, o próprio autor russo expõe sua insatisfação perante esse contexto histórico que perpassa a Rússia do século XVIII. Com o intuito de aproximar o leitor e mostrá-lo “de onde” surgiu *Memórias* é que se apresenta esta seção: o *ceticismo* de Dostoiévski perante as ideologias que colocam o homem numa posição abstraída da realidade já estava instalado e aqui se dá sua origem.

No tempo em que Dostoiévski publica *Memórias*; já se libertara de dois males: da condenação dos trabalhos forçados por pertencer ao Círculo Petrachévski e da ingenuidade que depositara em ideias revolucionárias<sup>33</sup>.

Quando voltou para a Rússia, depois de um exílio de dez anos na Sibéria, descobriu que era impossível aceitar as ideias reinantes da nova geração da década de 1860 que surgira durante sua ausência. Disseminadas por Nikolai Tchernichévski e N. A. Dobroliúbov, essas ideias eram uma peculiar mistura russa do ateísmo de Ludwig

<sup>29</sup> Nova Fronteira, 2008.

<sup>30</sup> Martin Claret, 2019.

<sup>31</sup> Bertran Brasil, 1993.

<sup>32</sup> Editora 34, 2009.

<sup>33</sup> O jovem Dostoiévski havia sido condenado à morte por participar do Círculo Petrachévski, mas quando estava prestes a ser morto na linha de fuzilamento obteve o perdão. Como narra Carpeaux (2021, p. 834): “[...] só no último momento, já no patíbulo; cinco anos de trabalhos forçados da Sibéria; mais cinco anos de exílio, como soldado raso; e, depois, uma ‘vita nuova’, mas de proletariado da pena”. Em 22 de dezembro de 1849, Dostoiévski escreve ao irmão Mikhail: “Meu tão querido irmão! Tudo está resolvido! Fui sentenciado a quatro anos de trabalhos forçados em uma fortaleza [...], e depois, alistamento como soldado raso. Hoje, 22 de dezembro, fomos todos levados à Praça Semionovski. Lá, a sentença de morte foi lida para nós, deram-nos a cruz para que beijássemos, a adaga foi quebrada sobre nossas cabeças, e foram feitos nossos trajes mortuários (camisa brancas). Então, três de nós fomos colocados diante do pelotão de fuzilamento para a execução da sentença de morte. Eu era o sexto da fila; fomos chamados em grupos de três, logo eu estava no segundo grupo e tinha não mais que um minuto de vida. Pensei em você, meu irmão, em todos vocês; naquele último instante, apenas você, meu adorado irmão! [...] No último instante, veio a ordem para suspender a execução, os soldados do pelotão recuaram, e foi lido para nós que Sua Majestade Imperial poupou as nossas vidas[...]” (DOSTOIÉVSKI, 2014, p. 59).

Ferbuerbach, do materialismo e do racionalismo do pensamento francês do século XVIII e do utilitarismo inglês de Jeremy Bentham (FRANK, 2018, p. 17).

A gênese de *Memórias* se projeta quando Dostoiévski realiza sua primeira viagem pela Europa no verão de 1862. Ali, o autor transita entre vários países ao longo de aproximadamente dois meses de passeio. Reflexões agudas e impetuosas sobre suas vivências são relatadas, antes de mesmo de *Memórias*<sup>34</sup> em *Notas de inverno sobre impressões de verão* (1962-1963), publicado dois anos antes de *Memórias do subsolo*.

Em *Notas* é possível antever o germe da problemática que será discutida e mais elaborada em *Memórias*<sup>35</sup>. Um aspecto biográfico relevante é que percebe-se claramente que em *Memórias* há traços indissociáveis entre o autor e seu protagonista<sup>36</sup>. Não que o homem do subsolo seja o próprio Dostoiévski, hipótese descartada. De acordo com Frank (2013), *Notas de inverno* contêm alguns dos principais símbolos e motivos de *Memórias do subterrâneo*: as dores no fígado, o formigueiro, o palácio de cristal e a recusa do homem em ceder sua liberdade à comuna socialista artificial e racionalista oriundas de Tchernichévski.

De fato, o que Frank afirma pode ser constatado numa leitura de *Notas de inverno*, vejamos o que diz Dostoiévski sobre si mesmo: “[...] eu, um homem doente, que sofre do fígado, passei dois dias aos trancos, num trem de ferro [...]” (2011, p.71). Em *Memórias* o homem do subsolo confessa: “Sou um homem doente... Um homem mau. Creio que sofro do fígado” (*IBIDEM*, 2009, p.15). Para Frank (2018), o processo de gestação artística de Dostoiévski em *Memórias* tem origem nesta época.

[...] o romance de Tchernichévski revivera grande parte da atmosfera sentimental e idealista da década de 1840 e compartilhava seus devaneios filantrópicos de uma humanidade redimida e purificada. Desse modo, Dostoiévski podia facilmente integrar esse material de seu próprio passado, tanto ideológico como pessoal, em sua nova criação, e por certo não é coincidência que na parte II, o homem do subsolo tenha a mesma idade de Dostoiévski [...] (FRANK, 2018, p. 488)

Em *Notas*, Dostoiévski demonstra seu total descontentamento perante a docilidade do povo russo frente a visão de mundo da Europa. Nessa obra o estilo logo de cara já se mostra irônico e se conduz como se ele estivesse conversando com amigos imaginários (o povo russo

<sup>34</sup> Em *Memórias* não há relato literal da viagem, mas apenas reflexões a respeito da influência dos ideais europeus sobre o povo russo. E, nessa obra quem fala não é próprio Dostoiévski, mas sim seu personagem sem nome.

<sup>35</sup> Como já expusemos de modo mais amplo no capítulo “*Memórias* e seu tempo”. Neste capítulo, se *Notas* entra para um diálogo é sob o viés que liga a insatisfação de Dostoiévski prioritariamente à relação ao império da razão, que aqui é expressamente simbolizado pelo Palácio de Cristal.

<sup>36</sup> Sobretudo no capítulo 5 de *Notas de inverno sobre impressões de verão*, intitulado: “Baal”.

de modo geral), bem típico de como o homem do subsolo se dirige aos seus ouvintes em *Memórias*, no entanto sem o capital artístico elevado dessa última obra.

Dostoiévski é um observador atento e prevê para qual direção o ocidente estava caminhando. Sua crítica ao comportamento russo que aceitavam sem nenhum critério o modo de vida dos europeus, revela uma inquietação tão profunda que certamente o fez construir o personagem do subsolo dotado de características céticas seguidas de um ardiloso niilismo, projetados em virtude de sua descrença em relação ao progresso técnico-científico, incompatível com um possível paralelo do progresso humano. Ora, Dostoiévski dissecou a alma humana e encontrou nela uma série de atributos. Não estritamente maus ou bons, mas talvez incalculáveis.

Nesse sentido, o progresso das ciências não poderia ser engendrado com o depósito de fé na razão desmedida do homem. Como se a humanidade o fosse capaz também desse progresso equivalente das ciências. Vejamos um trecho de seu relato de viagem ao se deparar em Londres com o famoso Palácio de Cristal (considerado por Tchernichévski o símbolo do socialismo utópico, diferentemente de Dostoiévski que o considerava como um símbolo profano; uma farsa):

A City, com os seus milhões e o seu comércio mundial, o Palácio de Cristal, a Exposição Internacional... Sim, a exposição é impressionante. Sente-se uma força terrível, que uniu num só rebanho todos estes homens inumeráveis, vindos do mundo inteiro; tem-se consciência de um pensamento titânico; sente-se que algo já foi alcançado aí, que há nisso uma vitória, triunfo.. [...] Olham-se estas centenas de milhares, estes milhões de pessoas que correm docilmente para cá de todo o globo terrestre, pessoas que vieram com um pensamento único, que se aglomeram plácida, obstinada e silenciosamente neste palácio colossal [...] Isto constitui não sei que cena bíblica, algo sobre a Babilônia, uma profecia do Apocalipse que se realiza aos nossos olhos (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 115-116).

O Palácio de Cristal é a esperança de que um dia os seres humanos possam viver em harmonia. É a crença em um mundo melhor, não numa vida além, pois essa foi banida pelo progresso das ciências e Deus jaz no esquecimento. Mas numa crença mundana, abstrata e racional que proclama o paraíso na Terra. Tal como expressa pela canção *Imagine* (1971) de John Lennon: “Imagine there's no heaven”. O cantor e compositor nos instiga a supor que não exista o paraíso. “No hell below us / Above us only sky”. Que também não existe nenhum inferno abaixo de nós. E, acima de nós apenas o céu. As estrofes de John demonstram um mundo que aposta na descrença daquilo que ficou conhecido como transcendente e está volúvel para aderir o pensamento moderno materialista.



“Nothing to kill or die for / And no religion too / imagine all the people / Living life in Peace” (LENNON, 1971). O ex-Beatles elevava sua fé em mundo que não haveria razão para matar ou para morrer, que não houvesse religião e que um dia todas as pessoas poderiam viver suas vidas em paz. Apesar, de não ter escutado essa canção por um motivo óbvio, Dostoiévski sabia que todas essas ideias eram ingênuas. Na *katorga* viu tão próximo as absurdidades de que o homem é capaz de realizar, que ignorar tais fatos é não aceitar a vida como ela é. Essas pseudotransformações geradas por criações utópicas são infundidas no modo de vida das pessoas num movimento *top-down*, de cima para baixo e, portanto, construtos de uma engenharia reversa, que pretende recusar de fato o que somos em face de uma possível ilusão. Ora, sempre agirá no homem uma força também irracional guiada pelo seu bem mais vantajoso, a saber, a liberdade.

[...] a sua obra inteira é um protesto apaixonado contra o determinismo que lhe parecia o fundamento do materialismo ateu; Dostoiévski [...] é espiritualista, proclamando a liberdade da alma humana, seja para o bem ou seja para o mal; e essa liberdade parecia-lhe inextricavelmente ligada ao Evangelho e à fé na divindade de Jesus Cristo (CARPEAUX, 2021, p. 834).

Nikolai Berdiaev (1874-1948) em *O espírito de Dostoiévski* (2021) dirá que a inimizade profunda de Dostoiévski contra o socialismo, ao Palácio de Cristal e à utopia de um paraíso sobre a terra, decorre pelo motivo que essas ideologias ignoram a natureza extrema do homem e suas contradições. E, que o homem não se conforma com uma organização racional da vida.

Como veremos nos capítulos seguintes, Dostoiévski não combate esse novo mundo estritamente racional em *Memórias* com uma pena cuja tinta espalhe-se com tonalidade dogmática, mas de um colorido marcado por uma confissão aporética que, usando da teoria do próprio pensamento moderno racional na figura de Tchenichévski, demonstra as inconsistências a que essas ideologias podem nos levar. Pois, como afirma o homem do subsolo, não amamos apenas a prosperidade, mas também na mesma proporção o sofrimento, a destruição e o caos (DOSTOIÉVSKI, 2009). Como bem disse Berdiaev (2021, p. 40): “Dostoiévski faz, em *Notas do subterrâneo*, uma série de descobertas sobre a natureza humana. A natureza humana é extrema, antinômica e irracional. Há no homem uma atração invencível para o irracional, para a liberdade desregrada, para o sofrimento”.

A crítica que Dostoiévski fará por meio do homem do subsolo ao povo russo, que a essa altura encontra-se semiconsciente, será artística e filosoficamente dirigida ao homem de ação; considerado pelo homem do subterrâneo com um dogmático que encontrou sua certeza e, que,

portanto, já pode-se viver tranquilamente sem questionamentos. Vejamos o que diz Nikolai Berdiaev:

Os próprios ideólogos e os homens de ação que conduziam este movimento não compreendiam até ao fundo o processo que se realizava. Não eram eles o que criavam, mas eles eram criados por ele. Sem dúvida, por seus gestos exteriores, eles eram ativos; mas, no que concerne ao espírito, eram passivos e deixavam-se guiar pelas correntes condutoras. Dostoiévski compreendeu melhor o movimento que se elaborava e o escopo para o qual tendia. Com uma presciência genial, percebeu os alicerces ideológicos e o caráter da revolução russa – e talvez universal – que se preparava. Ele foi o profeta da revolução russa, no sentido mais indiscutível do termo (2021, p.113).

Em sua obra *Os demônios* (1872), Dostoiévski se aprofundará no assunto das ideologias revolucionárias e traçará, como bem disse Berdiaev acima, os rumos pragmáticos dessas teorias. Agora, após explicar como se deu o processo de surgimento de *Memórias* e a forma de como o ceticismo se apodera na escrita dessa obra, cabe-nos compreender melhor o perfil do protagonista da obra em estudo: o homem do subsolo.

## 2.2.O caráter socrático do homem do subterrâneo

[...] o homem subterrâneo possui raízes na mais remota antiguidade. Se o concebermos como o *ewig verneinende Geist* (o eterno espírito negativo), como o espinho do desprezo da parte da criação, ele é tão antigo quanto Caim. Na verdade, ele se encontra junto ao primeiro Adão, pois, a Queda, uma parte de todo homem desceu ao subsolo (STEINER, 2006, p.159).

Este momento inicial nos servirá para traçar brevemente o perfil do homem do subsolo, mostrando seus questionamentos, suas buscas, suas insatisfações e seu desamparo frente ao pensamento do já mencionado pensador Tchernichévski. Inclusive, Frank (2018) descreve que as noções propagadas por Tchernichévski haviam alcançado estatuto de verdade irrefutável junto à nova geração. E mesmo antes, Dostoiévski pensou em escrever a primeira parte de *Memórias* como uma resposta direta a Tchernichévski, mas não foi publicada.

Neste capítulo pretende-se apresentar que o homem do subsolo antes mesmo de analisar o que estava havendo em seu contexto histórico russo, começa questionando a si mesmo. Desde o mais insignificante ato ou sentimento até as áreas mais profundas do seu ser. Veremos também seu posicionamento pessimista diante da utopia racionalista e sua própria frustração existencial como alguém que não chegou a se tornar o que almejava ser. Esta exposição socrática se mostra adequada, pois oferecerá ao leitor alguns elementos que iremos tratar com

mais profundidades nos capítulos posteriores e servirão de base para compreendermos logo de início como a filosofia cética se distingue das demais.

Ao mostrarmos o caráter socrático do homem do subsolo não queremos afirmar que o mesmo seja seguidor de Sócrates. Pois, nosso intuito é revelar seu perfil investigativo. Como afirma Brochard (2009, p. 38) em *Os cétricos gregos*: “Se Sócrates é o contrário de um cético, deve-se reconhecer, contudo, que há no seu dogmatismo elementos de ceticismo”.

O ato inicial do homem do subsolo como alguém que procurar se investigar, já é por essa via um traço cético. O termo *skeptikós* do grego, significa aquele que investiga. Diferentemente da definição do senso comum que associa o cético a alguém que demonstra certa descrença em relação a algo. É evidente que toda a filosofia é investigativa, mas de acordo com Sexto (2020), o cético possui uma habilidade específica de conduzir a investigação. São os movimentos seguidos de acordo com uma estratégia que fazem com que os cétricos ao final da investigação suspendam o juízo. Tal processo não ocorre nas outras filosofias.

Para o cético as investigações não terminam com uma verdade acabada. A indecidibilidade entre o juízo das coisas prevalecem. A habilidade cética de opor argumentos faz com que os juízos emitidos se igualem em termos de força persuasiva, tornando-se, assim, equipolentes, então seria arbitrário escolher um deles. Desta forma, o cético suspende o juízo e alcança a ataraxia, ou seja, a ausência de perturbações ou inquietações da mente. É difícil para nós compreender como o cético pode viver bem e tranquilo sem nenhuma certeza. Como afirma Victor Brochard (2009, p.20) em *Os cétricos gregos*: “[...]o cético se contenta com a dúvida”.

O homem do subsolo escolhe um método de se investigar: escrevendo para si mesmo. É com uma espécie de terapia da escrita que conhecemos a psique deste homem. “Dizei-me: de que pode falar um homem decente, com o máximo de prazer? Resposta: de si mesmo. Então, também vou falar de mim” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.18). Antes de tudo ele diz que é um homem doente e se não se trata com os médicos é meramente por uma questão de raiva. Sua bílis é derramada pela fé que seus contemporâneos estão depositando no palácio da ciência e da razão.

Seu mal-estar físico e interior decorre das ingênuas especulações atribuídas aos seres humanos em um futuro próximo. Mesmo buscando algum aspecto benéfico, pois, nem o homem do subsolo nem Dostoiévski são contrários às ciências (ambos se opõem à ideia radical de que todos os problemas humanos serão solucionados pelas ciências), o homem do subsolo não consegue vislumbrar uma fagulha de melhoria na história da humanidade. Pelo contrário, ele afirma que mesmo com os avanços científicos e com uma ampla dimensão do real

instituídos pelo palácio da razão, o homem talvez chegasse “[...] ao ponto de encontrar prazer em derramar sangue” (*IBIDEM*, 2009, p.36).

Será que seremos mais felizes e agiremos de modo coerente racionalmente uma vez que soubemos nossos “reais interesses”? Para o homem do subsolo a resposta é não. Seu respaldo é a própria história construída por nós. A fé no sagrado foi transferida para a fé nos deuses imanentes: a ciência, a razão, o progresso, o Estado. Essa é a raiva do homem do subsolo. Esse é seu mal-estar. Pois, tal troca não resolveu o problema e ainda poderá gerar mais caos e destruição do que antes, em virtude de que nenhum desses novos deuses podem saciar a dimensão que existe na alma humana.

Nas últimas gerações a humanidade fez progressos extraordinários nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, consolidando o domínio sobre a natureza de um modo antes inimaginável. Os pormenores desses progressos são conhecidos; não é mister enumerá-los. Os homens estão orgulhosos dessas realizações, e têm o direito a isso. Mas eles parecem haver notado que esta recém-adquirida disposição de espaço e tempo, esta submissão das forças naturais, concretização de um anseio milenar, não elevou o grau de satisfação prazerosa que esperam da vida, não os fez se sentirem mais felizes (FREUD, 2010, p. 45, 46).

Esse diagnóstico de Freud em *O Mal-estar na civilização* é a prova de que o homem do subsolo não está alicerçado aos argumentos dogmáticos que “[...] em geral se direciona para elevar o discurso filosófico acima do terreno da experiência cotidiana e comum” (PORCHAT, 2007, p.148). Já o posicionamento do homem do subsolo é feito sob critérios transparentes das nossas próprias experiências como seres agentes no mundo que somos.

Em uma passagem inicial da *Memórias*, o homem do subsolo crítica de modo veemente o palácio da razão, o materialismo absoluto em que Tchernichévski desejava que os russos acreditassem como sendo a resposta para as dores do mundo. O homem do subsolo com um discurso estratégico e irônico afirma que se uma vez colocamos o mundo material regido pelas leis da matemática no lugar do Deus infinito, somos obrigados a aceitar todas as implicações numéricas disso. E não há como reclamar mais de nada. Vejamos:

Bem, naturalmente as leis da natureza, as conclusões das ciências naturais, a matemática. Quando vos demonstram, por exemplo, que descendes do macaco, não adianta fazer careta, tendes que aceitar a coisa como ela é. [...] nada há a fazer, porque dois e dois são quatro, é matemática. E experimentai retrucar (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 25).

Como bem interpreta Fernandes (2021), o homem do subsolo se utilizou de uma forma diferente para abordar sua crítica da modernidade. Como já dito, ele não elabora sua concepção

munido de argumentos que partem de uma tradição, mas através da própria lógica interna de um discurso moderno. Para Sexto, esse *logos* discursivo, onde se utiliza dos argumentos do seu interlocutor para mostrar-lhe à que tipos inúmeros de inconsistências podem surgir, é claramente uma habilidade cética: “Dizemos que é uma ‘habilidade’, não num sentido rebuscado, mas de maneira simples, como ser capaz de algo. Por ‘coisas que aparecem’, entendemos aqui coisas sensíveis e, por isso, as contrastamos às coisas pensadas” (2020, p.89). Nesse sentido, a crítica do homem do subsolo se direciona de forma expressa ao que afirmar *ter encontrado a verdade*. Ou seja, aos dogmáticos.

O homem do subsolo não deve ser entendido como um mero indigente<sup>37</sup>, é claro, pelo simples fato de ele ter sido um ex-funcionário público, que ao herdar uma pequena quantia deixada por um de seus parentes distantes, não se hesitou de antemão em pedir logo sua aposentadoria, e “viver o no seu cantinho”. Dizia ele: “fiz parte do funcionalismo a fim de ter algo para comer (unicamente para isto)” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.17). Sabemos que o ato de nomear dá um teor estático ao objeto nomeado, como se suplicasse para si o que apenas lhe pertence. Todavia *Memórias do subsolo* carrega um dos poucos protagonistas de Dostoiévski que não possui “nome”. O homem do subsolo, então, ganha uma entonação artística, literária e filosófica ainda maior pelo clichê que transmite, invocando o leitor que este homem é um ser universal: podendo ser eu, você, qualquer um! Ele, assim como Raskolnikov, morava em um ambiente lúgubre, em “[...] um quarto ordinário nos arredores da cidade” (*IBIDEM*, 2009, p.17-18), isso porque suas condições financeiras eram precárias, assim como grande parte da população de São Petersburgo<sup>38</sup>.

Homem cativo e doentio, o herói do subsolo pertence, para sua infelicidade, a classe burocrática pretensiosa e lamentável, cuja mentalidade o escritor julga extremamente

<sup>37</sup> “[...] quem, afinal, sou eu, vou responder: sou um assessor-colegial”. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.17).

<sup>38</sup> De modo geral, os principais personagens de Dostoiévski moram em lugares minúsculos e com precárias instalações. Isso parece ser uma marca dostoiévskiana. Em *Gente pobre* (1846), sua primeira obra, Makar Diévúchkin é um copista de meia-idade que trabalha numa repartição pública em São Petersburgo, vejamos a descrição de sua moradia: “Bem, é um alojamento! [...] E aqui há barulho, gritaria, vozerio! Nem faz ideia de como isso tudo aqui está arranjado. Imagine, por exemplo, um corredor comprido, completamente escuro e sujo” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 14). Em *O Duplo* (1846), escrito duas semanas após seu primeiro romance, podemos observar as instalações de Golyàdkin (personagem principal): “As paredes empoeiradas de seu pequeno quarto, escurecidas pela fumaça [...]” (*IDEM*, 2011, p. 9). Em *Um jogador* (1863), Aleksei Ivanovitch diz que: “Reservaram-me um cômodo pequeno, no quarto andar do hotel” (*IDEM*, 2004, p.9). Em *Crime castigo* (1866) como mencionado, Raskólnikov morava em um “[...] cubículo [que] ficava bem debaixo do telhado de um alto prédio de cinco andares, e mais parecia um armário que um apartamento” (*IDEM*, 2016, p. 9). Em *O idiota* (1869), o príncipe Míchkin se instalou em um quarto cedido por Gânia (*IDEM*, 2002). Um fato curioso contado por Ana Grigorievna Dostoiévskaja (segunda esposa do autor); é que a própria casa em que Dostoiévski morava parecia a mesma de um dos seus personagens mais famosos. Vejamos um trecho desse relato: “A casa era grande, com muitos e pequenos apartamentos, ocupados por comerciantes e artesãos. A casa logo me lembrou aquela do romance ‘Crime castigo’, na qual vivia o personagem principal Rascolnikov” (DOSTOIEVSKAIA, 1999, p. 39).

significativa e mesmo, sob certos aspectos, profética da sociedade que naquele momento está em gestação. (GIRARD, 2011, p.46-47).

Na primeira parte, *Subsolo*, o memorialista destila seu relato sincero como se saísse de suas entranhas, longe de ser um monólogo, sua fala é um diálogo. Embora não tenha ninguém perto e escutando de fato o que ele está dizendo, o homem do buraco de rato coloca pessoas imaginárias e suas teorias face a face e, o que resulta disso é a verdade que brota destes embates que, no caso do homem do subsolo - neste diálogo fantasmagórico -, é meramente a insuficiência de se chegar a uma certeza absoluta. Bakhtin diz que: “[...] o ‘diálogo socrático’ era quase um gênero memorialístico: eram recordações das palestras reais proferidas por Sócrates, anotações das palestras memorizadas, organizadas numa breve narração” (2013, p.124). Bakhtin (2013) em seu *Problemas da poética de Dostoiévski*, afirma que o método dialógico pela busca da verdade se contrapõe ao monologismo oficial que se pretende proprietário de uma verdade acabada, minando à ingênua pretensão daqueles que pensam saber alguma coisa. O homem do subterrâneo é alguém que realmente deseja se encontrar.

Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: “onde estiver teu tesouro, estará também seu coração”. (NIETZSCHE, 2009, p. 7).

Sócrates investigou se de fato ele era o homem mais sábio da Grécia. Procurou além de tudo conhecer-se a si mesmo. Cartola, nosso Beethoven do samba, cantou uma canção em que nos instiga a pensar neste contexto: *Preciso me encontrar* (1976)<sup>39</sup>:

Deixe-me ir  
Preciso andar  
Vou por aí a procurar  
Sorrir pra não chorar  
Quero assistir ao sol nascer  
Ver as águas dos rios correr  
Ouvir os pássaros cantar  
Eu quero nascer  
Quero viver  
(CANDEIA, 1976)

A voz de Agenor de Oliveira, o Cartola, ressoa no interior do homem revestida por uma força que anseia atingir seu lugar no “cosmo”, ou como diz a máxima de Píndaro: “Torna-te o que tu és”, frase esta reinterpretada por Nietzsche em sua autobiografia que, retira esta dimensão do cosmo, e fornece uma nova forma para o homem tornar-se o que é. “Que alguém

---

<sup>39</sup> Composição de Candeia.

se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é” (NIETZSCHE, 2008, §9, p.45-46). O *Por que sou tão inteligente* de Nietzsche, não nos convence, pois, “tornar-se o que é” pressupõe uma quantidade mínima de conhecimento do que se já é. Por isso, admitimos estar ao lado de Platão, e confiar-lhe o pensamento em algo que já sabemos, mas que precisamos encontrar dentro de nós mesmos. E, para isso é necessário investigar-se. Conhecer-se, assim como está escrito oráculo de Delfos.

O músico Milton Nascimento encara este modo de se conhecer como uma caça na captura da preza<sup>40</sup>. Em "Caçador de mim" este movimento fica nítido, vejamos este trecho da canção:

Nada a temer  
 Senão o correr da luta  
 Nada a fazer  
 Senão esquecer o medo  
 Abrir o peito à força  
 Numa procura  
 Fugir às armadilhas da mata escura  
 Longe se vai sonhando demais  
 Mas onde se chega assim  
 Vou descobrir o que me faz sentir  
 Eu, caçador de mim  
 (MAGRÃO; SÁ, 1981)

Neste escopo, pode-se refletir sobre aquilo que disse Sócrates em sua *Apologia*: “[...] uma vida sem esse exame não é digna de ser vivida” (PLATÃO, 2011, p. 50). A voz que ecoa a pleno “pulmões” no interior do ser humano, procura auxiliá-lo ao encontro do seu sentido na vida. Mas o homem contemporâneo, já antevisto pelo homem do subsolo, perdeu a dimensão do transcendente, ele está míope e só enxerga o que está próximo. O mundo materialista tomou conta de sua dimensão e reduziu sua humanidade.

O homem do subterrâneo tenta se encontrar: olha-se no espelho e vê a imagem vil e desagradável, não apenas de sua face, mas também de sua natureza:

Por acaso olhei-me no espelho. O meu rosto transtornado pareceu-me repulsivo: pálido, mau, ignóbil, cabelos revoltos. ‘Seja, fico satisfeito’, pensei. ‘Estou justamente satisfeito de lhe parecer repugnante; isto me agrada’ (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.102)

---

<sup>40</sup> Lembrando que a canção é de composição de Luiz Carlos Sá e Sergio Magrão.

O nosso memorialista se diz um homem doente, mau e desagradável. Que sofre do fígado e que era um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso (DOSTOIÉVSKI, 2009). Em seguida, se desdiz e afirmar que “ [...] tinha consciência, e de modo vergonhoso, de que não era uma pessoa má, nem mesmo enraivecida; que apenas assustava passarinhos em vão e me divertia com isso” (2009, p.16).

Bakhtin (2013) diz que o homem do subsolo procura a qualquer custo manter para si a última palavra sobre si mesmo. Todavia, ainda segundo este autor, “A sua autoconsciência vive de sua inconclusibilidade, de seu caráter não fechado e de sua insolubilidade” (2013, p.60). Vejamos esse mesmo paradoxalismo nos versos de Fernando Pessoa abaixo e, em seguida, o relato do homem do subsolo:

Não sou nada / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada; / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo (versos 1-4); / Falhei em tudo. / Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada (PESSOA, 1944, versos 25-26)<sup>41</sup>.

Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto. Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso — que para nada serve — de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se algo, e de que somente os imbecis o conseguem<sup>42</sup> (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.17).

Sua investigação sobre si mesmo revela a ausência de sentido em que ele está jogado. O homem paradoxal que vive no subsolo é tomado pelo niilismo diante deste *novo mundo* materialmente radical que o cerca. Com uma consciência hipertrofiada, o homem do subsolo está cada vez mais consciente de que o futuro prometido pelo saber das ciências positivas e dos discursos utópicos de um mundo melhor, distante de lhe acalentar, só lhes trazem tormentos e inseguranças.

Embora saiba que sofre do fígado e respeite a medicina e os médicos, afirma que nunca se tratará. “Ademais, sou supersticioso ao extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina. (Sou suficientemente instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso.)” (IBIDEM, 2009, p.15). O homem do subsolo procura defender a sua partícula de individualidade, o seu querer diante da titânica força da razão e, que, apesar de estar inteiramente educado neste novo mundo ao não ter crenças, ainda sim demonstra possuí-las.

---

<sup>41</sup> Para maior aprofundamento no teor paradoxal neste poema de Fernando Pessoa; ver o interessante artigo *Revisitar Fernando Pessoa: o relativismo criador, o paradoxo, a pluralidade* (2015), de Eunice Terezinha Piazza Gai.

<sup>42</sup> Ao falar dos “imbecis”, eles está se referindo aos homens de ação, considerado por ele como sendo os dogmáticos.



A instrução do memorialista, sua adesão à racionalidade científica universal, aqui representada pelo saber médico, não é suficiente para apagar os vestígios, resistentes, irracionais e irascíveis da superstição: a resistência à “medicina e aos médicos” presente no sujeito “subterrâneo” que Dostoiévski nos apresenta. Ao mesmo tempo, a personagem ironiza o saber científico sugerindo que, também este, seria uma superstição – moderna, bem entendido. (PEREIRA, 2013, p.649)

Ao fim de suas investigações sobre si mesmo, “por quarenta anos; nesta situação intransponível criada com esforço e, apesar de tudo, um tanto duvidosa, em toda esta peçonha dos desejos insatisfeito que penetram no interior do ser” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 24), afirma que não chegou a ser nada.

Oh, se eu não fizesse nada unicamente por preguiça! Meu Deus, como eu me respeitaria então! Respeitar-me-ia justamente porque teria a capacidade de possuir em mim ao menos a preguiça; haveria, pelo menos, uma propriedade como que positiva, e da qual eu estaria certo. Pergunta: quem é? Resposta: um preguiçoso. Seria muito agradável ouvir isto a meu respeito. Significaria que fui definido positivamente; haveria o que dizer de mim. “Preguiçoso!” realmente é um título e uma nomeação, é uma carreira (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.31).

O homem do subsolo, desiludido e sem esperanças retorna ao seu cantinho debaixo do chão. Com suas inquietantes indagações de alguém que suporta os anos sem sentido, “[...] porque todos nós estávamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais outros menos” (IBIDEM, 2009, p. 146). Para Boris Schnaiderman (2009), as obras dostoiévskianas geralmente são romances-filosóficos, mas é em *Memórias do subsolo* que a escrita filosófica atinge um maior grau. Ela se manifesta de modo intenso, contendo toda a dramaticidade e força emocional de uma personagem que demonstra uma introspecção poucas vezes vista na literatura. É o que assegura Bakhtin (2013), ao afirmar que essas particularidades fundamentais do diálogo socrático, nos permitem considerar esse gênero como sendo um dos princípios da linha evolutiva da prosa literária europeia e do romance, que leva à obra de Dostoiévski.

### 3. O SUBSOLO

#### 3.1 Homens de ação (dogmáticos) ou os homens de consciência hipertrofiadas?

Nesta seção, mostraremos a quem diretamente o homem do subsolo se reporta: aos homens de ação. Sua evocação, advinda de um enorme trabalho de investigação; no qual escava, escava, em busca de uma certeza, não chega a um fundamento. O homem do subsolo irá mostrar a precipitação na qual o homem de ação adere facilmente às ideias de

Tchernichévski sem que propriamente passem por um filtro de considerações críticas. E, demonstra didaticamente que aceitar esta teoria racionalista é simplesmente negar sua própria liberdade. O método utilizado por este homem rato para demonstrar o impasse que decorrem dessa teoria são claramente os modos céticos: regresso ao infinito e o de redução ao absurdo.

O homem do subterrâneo classifica o homem em duas classes diferentes: o de ação (aquele que encontra um fundamento) e o homem de consciência hipertrofiada (que nada encontra de substancial). E o homem do subterrâneo se inclui nesta última classe. Ver que tudo é problemático na vida! Que muitas vezes agimos irracionalmente; que somos capazes de cometer males a nós mesmos; que o outro – o próximo -, é esse que justamente não conseguimos amar, que jamais poderemos estabelecer uma tabela logarítmica no ser humano para, a partir, daí, projetarmos o que lhe haverá ou não de fazer. Ivan Karamazov, o homem do subsolo em *ato*, nos diz: “- Devo te fazer uma confissão – começou Ivan -, nunca consegui entender como se pode amar o próximo. A meu ver, é justamente o próximo que não se pode amar, só os distantes é possível amar” (DOSTOIÉVSKI, 2012, p.327).

A crítica é legítima, o que Ivan coloca em xeque é que nós somos seres multifacetados; capazes de fazer o bem e o mal. Não somos apenas seres racionais e, embora as ciências avancem de modo como nunca antes na História humana, nem por isso se revela que, por exemplo, o homem será mais racional, melhor e, que assim, alcançaremos um nível de bem-estar social, ou que cheguemos a um estado de completa perfeição terrestre, onde não haverá mais ódio, nem rancor, nem guerra, nem sofrimento; apenas paz e amor, como pensavam os racionalistas a quem Dostoiévski dirige seu ataque.

Oh, disse-me, quem foi o primeiro a declarar, a proclamar que o homem comete ignomínias unicamente por desconhecer os seus reais interesses, e que bastaria instruí-lo, abrir-lhe os olhos para os seus verdadeiros e normais interesses, para que ele imediatamente deixasse de cometer essas ignomínias e se tornasse, no mesmo instante, bondoso e nobre, porque, sendo instruído e compreendendo as suas reais vantagens, veria no bem o seu próprio interesse, e sabe-se que ninguém é capaz de agir conscientemente contra ele e, por conseguinte, por assim dizer, por necessidade, ele passaria a praticar o bem? (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.32-33)

Pareyson (2012) atesta que ninguém mais do que Dostoiévski soube sondar as profundezas da alma humana, trazendo à luz tanto seu caráter abissal e insondável quanto sua desarmonia e desconcertante ambiguidade. “Ainda se pode amar o próximo de forma abstrata e às vezes até de longe, mas de perto quase nunca” (DOSTOIÉVSKI, 2012, p.327). O homem do subsolo procura mostrar aos inclinados ou adeptos da postura racionalista que, tal concepção pode trazer ainda mais problemas; é um alerta para os dogmáticos.

O homem do subsolo dá uma breve característica destes homens de ação, vejamos:

Um cavalheiro desse tipo atira-se diretamente ao objetivo, como um touro enfurecido, de chifres abaixados, e somente um muro pode detê-lo. (Aliás, diante de um muro tais cavalheiros, isto é, os homens diretos e de ação, cedem terreno com sinceridade. [...] muro tem para eles alguma coisa que acalma; é algo que, do ponto de vista moral, encerra uma solução — algo definitivo e, talvez, até místico... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.21-22)

Para Smith (2017), o neopirrônico, como o pirrônico antigo, distingue entre o critério de verdade e o critério de ação. Desse modo, na visão do dogmático, o cético, quando suspende o juízo e abole o critério de verdade, aboliria simultaneamente o critério de ação. E, conseqüentemente, o cético não poderia agir, pois, na ausência de um critério de verdade, ele ficaria também sem um critério de ação e não saberia o que fazer nem como agir. Isso é justamente o que ocorre com o homem do subsolo; ele não sabe o que fazer: “O muro para eles não é uma causa de desvio, como, por exemplo, para nós, homens de pensamento, e que, por conseguinte, nada fazemos [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.21-22). Todavia, os céuticos têm um critério que orienta sua vida: os fenômenos<sup>43</sup>.

De acordo com Sexto Empírico (2020), para quem investiga algo, o resultado natural é sua descoberta ou a negação dessa descoberta, ou a persistência na investigação. Nesse escopo, os que pensam que o descobriram são propriamente chamados de dogmáticos. São justamente esses dogmáticos que o homem do subsolo de maneira irônica inveja:

Pois bem, um homem desses, um homem direto, é que eu considero um homem autêntico, normal, como o sonhou a própria mãe carinhosa, a natureza, ao criá-lo amorosamente sobre a terra. Invejo um homem desses até o extremo da minha bñlis. Ele é estúpido, concordo, mas talvez o homem normal deva mesmo ser estúpido, sabeis? Talvez isto seja até muito bonito (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.22).

Para este homem que habita o subsolo nenhuma certeza lhe é dada, ao não ser a certeza de suas próprias dúvidas, de suas próprias inquietações e de seu senso exponencial da natureza das coisas. Ele se sente perdido, porque tudo é complexo e não se contenta com a primeira afirmação que se depara. Ele se desvia dos muros, pula obstáculos, vai à convívios sociais, mas sempre retorna à pequena fresta de seu lugarzinho.

O infeliz camundongo já conseguiu acumular, em torno de si, além da torpeza inicial, uma infinidade de outras torpezas, na forma de interrogações e dúvidas acrescentou à primeira interrogação tantas outras não resolvidas que, forçosamente, se acumula

---

<sup>43</sup> “Assim, tendo aderido às coisas que aparecem, vivemos sem opinar segundo a observância da vida comum uma que não podemos ser totalmente ativos” (SEXTO EMPÍRICO, 2020, p.91)

ao redor dele certo líquido repugnante e fatídico, certa lama fétida, que consiste nas suas dúvidas, inquietações e, finalmente, nos escarros — que caem sobre ele em profusão — dos homens de ação agrupados solenemente ao redor, na pessoa de juízes e ditadores, e que riem dele a mais não poder, com toda a capacidade das suas goelas sadias. Naturalmente, *resta-lhe sacudir a patinha em relação a tudo e, com um sorriso de fictício desprezo, no qual ele mesmo não acredita, esgueirar-se vergonhosamente para a sua fendazinha* (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.23, grifo nosso).

Porchat (2007), em seu *Rumo ao ceticismo*, ressalta que para os que seriamente propõem levar a cabo a investigação filosófica e não se contentam em fazer da filosofia tão somente um jogo verbal engenhoso e divertido, a experiência da *diaphonia* é de início extremamente frustrante, porque ela nos aparece como duradoura e indecível. Mas adverte o homem do subsolo: “[...] não me conformarei com ele unicamente pelo fato de ter pela frente um muro de pedra e de terem sido insuficientes as minhas forças” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.25).

O homem do subsolo e suas longas e intermináveis inquietações, nos levam a destruir nossos castelos. Ajudando-nos a entender que tudo na esfera da realidade é problemático e, com isso, nos sentimos perdidos. O memorialista é como “o homem de cabeça clara” que falara Ortega Y Gasset (2016, p.239): “O homem de cabeça clara é aquele que se liberta dessas ‘ideias’ fantasmagóricas e olha a vida de frente, e assume que tudo é problemático nelas, e se sente perdido”. Em sua crítica aos dogmáticos “homens de ação”, o homem do subterrâneo irá dizer que eles:

[...] tomam as causas mais próximas e secundárias pelas causas primeiras e, deste modo, se convencem mais depressa e facilmente que os demais de haver encontrado o fundamento indiscutível para a sua ação e, então, se acalmam; e isto é o mais importante (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.29).

Entretanto, o investigador do subsolo não se contenta com uma pesquisa superficial, ele quer encontrar um fundamento tal qual encontrado por Descartes em seu *Cogito ergo sum*. Mas sua investigação não cessa, ele não consegue encontrar um ponto fixo; exclama o homem do subterrâneo: “Onde estão minhas causas primeiras, em que me apoie? Onde estão os fundamentos? Onde irei busca-los?”. (IBIDEM, 2009, p.29). Retomando o poema de Fernando Pessoa: “Ser o que penso? [Como Descartes]/ Mas penso tanta coisa! / [...] Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas! / Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?” (PESSOA, 1944, versos 34,41,42).

Enquanto o homem de ação se acalma com o imediato, o homem do subsolo não aceita a forma tirânica e ingênua do dois e dois são quatro. O nosso herói do subsolo almeja encontrar uma estrutura axiomática, para a partir dela, pode agir: “Para começar a agir, é preciso, de antemão, estar de todo tranquilo, não conservando quaisquer dúvidas. E como é que eu, por

exemplo, me tranquilizarei? ” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.29). Cabe mostrar agora um dos tropos de Agripa: *o regresso ao infinito*; pela própria articulação didática do homem do subsolo: “Faço exercício mental e, por conseguinte, em mim, cada causa primeira arrasta imediatamente atrás de si outra, ainda anterior, e assim por diante, até o infinito” (*IBIDEM*, 2009, p.29-30).

Eu, por exemplo, gosto de futebol e torço para o CSA – clube de Alagoas, mas por que eu gosto de futebol e torço para o CSA? Porque meu pai me levava para vê-lo jogar e, sou azulino porque gosto de azul. Mas porque meu pai me levava para vê-lo jogar e, por que eu gosto de azul? Porque ele amava futebol desde pequeno e achou que também eu iria me divertir e, eu gosto de azul porque é a cor do céu. Mas por que meu pai amava futebol desde pequeno e, porque a cor do céu me encanta? Porque os irmãos do meu pai o chamavam para jogar futebol sempre que eles largavam da escola e, a cor do céu me encanta porque vejo os pássaros pretos que voam juntos e fazem um belo contrates de cores. Mas por que os irmãos chamavam meu pai para jogar futebol quando largavam da escola e, por que os pássaros pretos no céu me encantavam tanto? Porque meu pai era habilidoso e muito alegre e, os pássaros me encantam pela sua capacidade de voarem e demonstrarem sua liberdade e plenitude de movimentos sincronizados durante o voo. Mas porque meu pai era habilidoso e muito alegre e, por que o movimento sincronizado dos pássaros me chama à atenção? Percebem que uma razão arrasta outra que, arrasta outra e que esse processo de causas pode ser infinito?

Sexto Empírico (2000) afirma que este modo de argumentação atribuído a Agripa, caracteriza-se pelo fato de que aquilo que dizemos e que se apresenta como garantia da questão proposta necessita de uma nova garantia; e esta, de outra; e assim por diante até o infinito; pelo que, como não sabemos por onde começar a argumentação, segue-se a suspensão do juízo. Com o movimento cético concluído aparece necessariamente a tranquilidade: o *telos* cético. Assim como a sombra acompanha o corpo, diz Sexto (2020), a suspensão do juízo dará ao investigador a tão buscada tranquilidade. Todavia, essa tranquilidade tão mencionada pelos céuticos não ocorre ao homem do subsolo. O que para os seguidores de Tchernichévski “Até parece que semelhante muro de pedra é realmente um *tranquilizador* e que de fato contém alguma palavra para o mundo, só porque constitui o dois e dois são quatro” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.25, grifo nosso). Para o homem do subsolo esse muro gera um efeito reverso: perturbação.

Decidido explicar pormenorizadamente, o homem do subsolo levanta em debate o tema da vingança. Por que o homem se vinga? “O homem se vinga porque acredita que é justo. Quer dizer que ele encontrou a causa primeira, o fundamento: a justiça” (*IBIDEM*, 2009, p.30).

Percebem como o muro já está na frente do homem de ação e os seus chifres já estão cravados no dogmatismo? “[...] como ele está tranquilizado por todos os lados, vinga-se calmamente e com êxito, convicto de que pratica uma ação honesta e justa” (*Ibidem*, 2009, p.30). Porém, vejamos o que nos diz a contraposição argumentativa do homem do subsolo:

Mas eu não vejo nisso justiça nem qualquer espécie de virtude; se começara a vingarme, será unicamente por maldade. [...] Mas o que fazer se não tenho sequer maldade? [...] O meu rancor, em virtude mais uma vez dessas execráveis leis da consciência, está sujeito à decomposição química (*IBIDEM*, 2009, p.30).

Nota-se que o homem do subsolo leva sua causa às leis da natureza; uma decomposição química, o primado da ciência sendo atacado desde dentro de seu próprio campo racional. É aí que, de maneira brilhante, Dostoiévski, já no interior do projeto racional, agindo com a própria lógica, nos faz sentir o cheiro da lama fétida dessas construções racionais.

Quando se repara, o objeto volatiza-se, as razões se evaporam, não se encontra o culpado, a ofensa não é mais ofensa, mas *fatum*, algo semelhante a dor de dentes, da qual ninguém é culpado [...] (*IBIDEM*, 2009, p.29)<sup>44</sup>

Aqui já podemos identificar o vácuo moral<sup>45</sup> - não há, segundo a ideia de Tchernichévski levada às últimas consequências, a responsabilidade moral -, o livre-arbítrio é evaporado pelas leis da natureza. Esse é o diagnóstico dado pelo homem que habita o subterrâneo: “A ciência conseguiu a tal ponto analisar anatomicamente o homem que já sabemos que a vontade e o chamado livre-arbítrio nada mais são ...” (*IBIDEM*, 2009, p.39).

Essa é a teoria do autor de *O que fazer?* vista radicalmente. Percebemos que esta teoria nos anula como *persona*, a responsabilidade moral é diluída pelas leis da natureza e, como diz o homem do subsolo, com efeito, não se pode responsabilizar ou punir as leis da natureza (DOSTOIÉVSKI, 2009). Vimos que o homem do subsolo não atesta uma verdade sua. Não propõe soluções, não traz uma teoria, não dita sua regra; ele, simplesmente, utilizando-se do próprio discurso de seu interlocutor aponta onde essa ideia nos levará. Vejamos o que diz Frank a respeito do argumento de Tchernichévski neste contexto:

No entanto, esse argumento [o de Tchernichévski], como o homem do subterrâneo aponta causticamente, tem um pequeno defeito: negligencia totalmente que o homem

<sup>44</sup> Dito isso e, embora não encontremos alguém para apontar e dizer: “este é o culpado!”; “[...] em consequência disto, rangendo os dentes em silêncio e com impotência, [...] sonhando que não há contra quem ter rancor, não se sabe o quê, não se sabe quem, mas que, apesar de todas estas ignorâncias e fraudes, sentis uma dor [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 25-26).

<sup>45</sup> O vácuo moral será também tratado em *Os irmãos Karamazov*. Nesta obra, Ivan diz: “‘não existe imortalidade da alma, então não existe tampouco a virtude, logo tudo é permitido’.” (DOSTOIÉVSKI, 2012, p.127).

tem, e sempre terá, um interesse supremo, a que nunca renunciará: o de ser capaz de exercer seu livre-arbítrio (2013, p. 445).

Por *reductio ad absurdum* o homem de consciência hipertrofiada acaba por destruir a lógica de seu oponente: é ou não é um *logos* cético utilizado genialmente por este homem-rato? Esse homem-rato está falando que não se pode conceber o homem como um pedal de órgão, uma tecla, um robô; reduzindo-o a equações matemáticas. Como destaca Frank (2013, p. 444, grifo do autor): “[...] a vida do homem do subterrâneo é a *reductio ad absurdum* da do homem de ação; e, quanto mais repulsivo e detestável ele se considera, mais revela o *verdadeiro* sentido daquilo que seu juiz autoconfiante tão cegamente reputa caro”.

Quem foi que disse que o homem só deseja o bem, o belo, o verdadeiro e o sublime? “O homem precisa unicamente de uma vontade *independente*, custe o que custar essa independência e leve aonde levar. Bem, o diabo sabe o que é essa vontade...” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.39). Foi assim no jardim do Éden e será assim até a consumação dos séculos<sup>46</sup>.

Pareyson (2012) ressalta que *Memórias do subsolo* tem em primeiro lugar, o escopo de reivindicar a liberdade e a personalidade do homem. Diz ainda que, à harmonia cósmica, que pretende absorver a humanidade na necessária legalidade do universo, o homem opõe o seu direito de combater arbitrariamente as verdades matemáticas; à pretensa racionalidade da vida, que quer ser o guia infalível, também da conduta humana, é negligenciada pelo homem que pode ser tão arbitrário a ponto de desejar deliberadamente sua infelicidade.

### 3.2 O palácio de cristal de Tchernichévski<sup>47</sup>: o paraíso terrestre ou o galinheiro?

[...] hoje em dia, outras alternativas ocorrem: pessoas honestas cada vez mais começaram a se encontrar. Esse desenvolvimento é inevitável já que o número de pessoas honestas cresce a cada ano. Com o tempo essa opção vai se tornar a mais comum. Com mais tempo ainda, vai se tornar a única opção porque todas as pessoas serão honestas. Então o mundo ficará realmente bom (TCHERNICHÉVSKI, 2015, p.85).

Nesta seção, mostraremos o *logos* discursivo cético encontrado no homem do subsolo, exposto principalmente pela *diaphonia* e *isosthenia*. Dostoiévski irá fazer com que o homem

<sup>46</sup> Em os *Irmãos Karamazov* há uma passagem digna da mais célebres sobre a liberdade: O grande Inquisidor.

<sup>47</sup> “Durante seus oito dias em Londres, Dostoiévski fez uma visita obrigatória ao famoso Palácio de Cristal para ver a segunda Exposição Mundial de Londres, inaugurada em maio de 1862 e dedicada a exibir os últimos triunfos da ciência e da tecnologia. Monumento da arquitetura moderna originalmente construído por Sir Paxton [...] O Palácio de Cristal tornou-se para Dostoiévski a imagem do espírito profano da modernidade que assomava, malévolamente, sobre Londres; e em sua imaginação, esse espírito assume a forma da Besta monstruosa cuja vinda foi profetizada no Apocalipse” (FRANK, 2018, p. 456).

do subsolo demonstre toda sua habilidade investigativa, no intuito de levar a teoria racionalista de Tchernichévski a contradições e inconsistências.

O homem do buraco de rato trilhará caminho similar aos dos cétricos, no que tange o encontro inicial com um desacordo entre opiniões, até levar essas opiniões a se igualarem em termos de força persuasiva. Ou seja, o homem do subsolo equipolariza os argumentos que inicialmente eram contrários e demonstra que ambos não têm o direito de afirmar ser o Verdadeiro: dono da Verdade. Como afirma Porchat (2007, p. 260): “O cético julga poder manifestar, com uma forte argumentação contrária a vulnerabilidade radical dos alegados fundamentos e da lógica interna dessas filosofias”. Entretanto, como já mencionamos, o destino final do processo cético não é atingido pelo homem do subsolo, a saber, a ausência de perturbação da mente (*ataraxia*)<sup>48</sup>.

Veremos que apesar do Palácio de Cristal representar o símbolo da modernidade na “certeza” de um futuro melhor para a humanidade, o homem do subsolo irá contra argumentar a este respeito pelo simples fato de que, uma vez que estejamos no interior deste império da razão nos será tirado algo que a ele parece ser mais vantajoso “de tudo quanto existe sobre a terra” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 42): a liberdade.

[...] no *Notas do Subterrâneo*, o gentil-homem “de fisionomia retrógrada e zombeteira” dava-se como o representante do elemento irracional da vida que perturba a organização da harmonia e da felicidade sociais, porque é nele que fomenta esta liberdade inicial do homem, que lhes é mais cara que o pão cotidiano (BERDIAEV, (2021, p. 121).

O homem do subsolo, tal qual um cético, denuncia a precipitação (*propéteia*) de aderir às teorias racionalistas advindas da Europa e cristalizadas na Rússia por Tchernichévski. Para isso, ele se utiliza daquilo que guia o cético: os fenômenos. Para fins deste estudo não necessitamos desvelar minimamente o conceito de fenômeno (*tó phainómenon*, o que aparece)<sup>49</sup>. Basta apenas entendermos o que seria este *aparecer* para o cético. Vejamos o que diz Sexto Empírico sobre o critério de orientação cética.

(22) Dizemos, então, que o critério da orientação cética é o que aparece, chamando-o virtualmente de representação, pois, jazendo na condição passiva e involuntária, não é investigável. Por isso, acerca do que aparece, presumivelmente ninguém discutirá se o objeto subjacente aparece assim ou assado, mas investiga-se sobre se

<sup>48</sup> Todavia, o fato do homem subterrâneo não alcançar a *ataraxia* não expõe categoricamente que o mesmo a deseje profundamente. Sua consciência hipertrofiada parece o deixar atravancado no estágio que precede a tranquilidade.

<sup>49</sup> A quem deseja se aprofundar no assunto deixamos como indicação o texto *Sobre o que aparece* de Porchat, que pode ser encontrado no livro *Rumo ao ceticismo* (2007).



esse é tal como aparece. (23) Assim, tendo aderido às coisas que aparecem, vivemos sem opinar segundo a observância da vida comum, uma vez que não podemos ser totalmente inativos. Essa observância da vida comum parece ter quatro partes: uma sustenta-se na indicação natural, outra na necessidade das condições, outra no legado das leis e também dos costumes, outra no ensino dos ofícios (SEXTO EMPÍRICO, 2020, p.91).

De acordo com Porchat (2007) o que aparece de nenhum modo se reduz ao domínio das impressões sensíveis como alguns intérpretes pensaram. “Ele [cético] apenas diz o fenômeno, ele o relata, ele conta a sua experiência” (*IBIDEM*, 2007, p. 161). E, essa experiência é a experiência da história humana. Por isso, quando o homem do subsolo chama ironicamente de “criancinha de peito” aquele que acredita que o homem um dia será essencialmente bom, ele não está dogmatizando e tampouco elevando o discurso para longe da experiência. Com efeito, Frank o chama de “incrédulo” e fala que “[...] a essência do pensamento de Tchernichévski [...], uma vez aceito, esclareceria de tal modo o homem que a própria possibilidade de se comportar irracionalmente, isto é, contra seus interesses, desapareceria” (2018, p. 508).

O homem do subsolo está relatando um fato experimentado pela espécie humana: “Notastes acaso que os mais refinados sanguinários foram quase todos cavalheiros civilizados [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 36). Porchat (2007) argumenta que o cético valoriza o diálogo<sup>50</sup> e por isso se empenha em mostrar a alienação dogmática. Como diz Sexto (2020), o cético, por amor à humanidade, quer curar pelo discurso, baseado em suas forças, a precipitação dos dogmáticos.

O que pretendemos demonstrar neste espaço é que o homem do subsolo irá tecer argumentos contrários ao idealismo racional de Tchernichévski, o qual acreditava que um dia todos os seres humanos seriam honestos. Como afirma Frank (2018), Tchernichévski concretizou esse sonho de transformação – uma utopia da plenitude -, como sabemos, em sua visão do Palácio de Cristal, e Dostoiévski toma esse símbolo para apresentá-lo sob o ponto de vista do homem do subterrâneo. O ataque a Tchernichevski, como já nos referimos, pode ser visto em toda obra. E o mesmo Palácio de Cristal<sup>51</sup> passa a ser inserido na argumentação do subsolo com uma visão extremamente absurda de ser aceita; e talvez alguns preferirão viver em um ambiente fora do Palácio como em um galinheiro, portanto, que seja resguardada sua individualidade; sua liberdade.

- o mesmo edifício em que Dostoiévski via a monstruosa encarnação do materialismo moderno, a versão contemporânea da deusa da carne, Baal. Para os olhos

<sup>50</sup> Como já exposto por meio do modo dialógico, o homem do subsolo está tendo uma conversa.

<sup>51</sup> Construído em 1851 em Londres.

deslumbrados de Tchernichévski, porém, essa estrutura representava a primeira insinuação do que seria a fulgurante encarnação visual da Utopia socialista do futuro, a meta manifesta de todas as aspirações humanas [...] (FRANK, 2013, p.398-399)

O homem do subsolo percebe que há uma substituição entre Deus e Baal. A fé que antes era devotada a Deus se dirige como um touro enfurecido até encontrar uma nova: a fé na razão; na ciência. A via dogmática está lançada. Mas assim como em *Notas de inverno*, onde Dostoiévski vai proclamar que: “o homem não quer viver segundo estes cálculos [...] pensa que viver à sua vontade é sempre melhor” (2011, p.137). Também em *Memórias* o homem do subsolo vai dizer: “[...] o homem, seja lá quem for, sempre e em toda a parte gostou de agir a seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordenam a razão e o interesse [...]” (IDEM, 2009, p.39).

O homem do subsolo não adere a teoria racionalista que pensa que todos os seres humanos serão honestos, justos e bondosos. Ele afirma que o ser humano via justiça até mesmo no massacre e destruía tudo de consciência tranquila (IBIDEM, 2009). E, nisto recorre a nossa história, vejamos: “[...] Cleópatra (desculpai-me este exemplo da história romana) gostava de cravar alfinetes de outro nos seios das suas cativas, deleitando-se com seus gritos e convulsões” (IBIDEM, 2009, p.37). E, como antecipando o rebatimento argumentativo de seu oponente, continua:

Direis que isto se deu numa época bárbara, porque (sempre de um ponto de vista relativo) ainda hoje se cravam alfinetes em seios; que, mesmo atualmente, embora o homem já tenha aprendido por vezes a ver tudo com mais clareza do que na época barbara, ainda está longe de ter-se acostumado a agir do modo que lhe é indicado pela razão e pelas ciências (IBIDEM, 2009, p.37).

Veremos que o homem do buraco de rato, arma uma ratoeira para “pegar” os seguidores dessa crença, apontando que a transformação do homem em um equivalente numérico é impossível, sua redução aniquila aquilo mesmo que nos foi concedido ontologicamente. E, que, uma vez que se coloca esse projeto em prática, os malefícios são ainda maiores. Seu recurso discursivo está alicerçado nos tropos parródicos. Nesta parte também será propício demonstrar a habilidade cética com que o homem do subsolo equipolariza os argumentos opostos, levando seus oponentes ao impasse.

(10) Por “discursos opostos”, entendemos, não necessariamente negação e afirmação, mas, em vez disso, simplesmente os conflitantes. Chamamos de “equipolência” a igualdade com relação à confiabilidade e à inconfiabilidade, para não indicar qualquer dos discursos conflitantes como mais confiável (SEXTO EMPÍRICO, 2020, p.90).

Se os racionalistas utilitários acreditam que “[...] Todos os atos humanos serão calculados, está claro, de acordo com essas leis, matematicamente, como uma espécie de *tábua*

de *logaritmos*<sup>52</sup>, até 108.000, e registrados num calendário [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.37, grifo nosso), o homem do subsolo dirá que tudo será enfadonho: “o que não há de inventar por fastio!” (IBIDEM, 2009, p.38). E, em seguida proporá: “não será melhor dar um pontapé em toda esta sensatez unicamente a fim de que todos esses *logaritmos* vão para o diabo, e para que possamos mais uma vez viver de acordo com a nossa estúpida vontade?!” (IBIDEM, 2009, p.38).

Mas caso ainda seu oponente não esteja satisfeito com os argumentos, no qual demonstra as aporias em que esse idealismo nos leva; ele sentencia que ao aceitarmos essa ideologia: “no mesmo instante, o homem se transformará num pedal de órgão [...]” (IBIDEM, 2009, p.40)<sup>53</sup>. E, já que todo o nosso pensar foi racionalizado matematicamente, ironiza a esse respeito: “Que pensais disso? Calculemos as probabilidades: pode tal coisa acontecer ou não?” (IBIDEM, 2009, p.40). Desta forma, como afirma Frank (2013), o ataque ao palácio de cristal sugere que há uma combinação entre a tabela de paixões de Fourier com o determinismo material de Tchernichévski. O que implica na total eliminação da personalidade<sup>54</sup>. Então, desta forma o homem do subsolo leva seu oponente a um beco sem saída. Como podemos negar algo que nos é tão caro e que se constitui como a vantagem sublime do ser humano?

Depois de mostrar a inerente incapacidade da psique humana de adaptar-se a um mundo “racional” como esse e as maneiras estranhas e aparentemente ‘racional’ como esse e as maneiras estranhas e aparentemente insensatas pelas quais essa recusa pode tornar-se manifesta, o homem do subterrâneo passa a demolir mais diretamente os argumentos com que Tchernichévski e os homens de ação defendem sua posição (FRANK, 2013, p. 444).

Dostoiévski (2009) faz o homem do subsolo perceber que todos os lados são problemáticos, seja dentro do palácio ou em seu exterior, mas demonstra que embora a nossa vida possa resultar em situações desagradáveis, é sempre a vida e não apenas a extração de uma raiz quadrada: “Eu, por exemplo, quero viver muito naturalmente, para satisfazer toda a minha capacidade vital, e não apenas a minha capacidade racional, isto é, algo como a vigésima parte da minha capacidade de viver” (IBIDEM, 2009, p.41).

<sup>52</sup> Essa *tabela de logaritmos*, não se trata de nenhum exagero por parte do homem do subsolo: “Fourier tinha realmente se empenhado em elaborar uma extensa tabela das paixões que, no seu entender, constituíam as leis imutáveis da natureza (humana) e cujas necessidades deviam ser cumpridas em alguma ordem social modelar” (FRANK, 2013, p. 448).

<sup>53</sup> De acordo com Frank (2013, p. 447): “A imagem musical usada aqui deriva diretamente de Fourier, que acreditava ter descoberto uma ‘lei da harmonia universal’, e cujos discípulos gostavam de descrever a disposição das paixões no falanstério por analogia com a organização das teclas de piano”.

<sup>54</sup> Rever em: *Homens de ação (dogmáticos) ou homens de consciência hipertrofiada*.

O homem do subsolo recusa à ideia de incluir o homem numa tabela matemática. E mesmo que todas as nossas satisfações e desejos fossem realizados, ao ponto de atingirmos a mais completa felicidade, ainda assim, agiríamos de acordo com nossas volições.

Pergunto-vos agora: o que se pode esperar do homem, como criatura provida de tão estranhas qualidades? Podeis cobri-lo de todos os bens terrestres, afogá-lo em felicidade, de tal modo que apenas umas bolhazinhas apareçam na superfície desta, como se fosse a superfície da água; dar-lhe tal fartura, do ponto de vista econômico, que ele não tenha mais nada a fazer a não ser dormir, comer pão de ló e cuidar da continuação da história universal — pois mesmo neste caso o homem, unicamente por ingratidão e pasquinada, há de cometer alguma ignomínia. Vai arriscar até o pão de ló e desejar, intencionalmente, o absurdo mais destrutivo, o mais antieconômico, apenas para acrescentar a toda esta sensatez positiva o seu elemento fantástico e destrutivo. Desejará conservar justamente os seus sonhos fantásticos, a sua mais vulgar estupidez, só para confirmar a si mesmo (como se isto fosse absolutamente indispensável) que os homens são sempre homens e não teclas de piano [...] (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 43-44)

O que é dito pelo homem do subsolo é corroborado pelo filósofo Arthur Schopenhauer em *As Dores do mundo* (2019). Na citação abaixo, o autor conhecido como pessimista, descreve um cenário semelhante ao exibido pelo homem do subsolo e extrai os mesmos resultados:

Trabalho, tormento, desgosto e miséria, tal é sem dúvida durante a vida inteira o quinhão de quase todos os homens. Mas se todos os desejos, apenas formados, fossem imediatamente realizados, com que se preencheria a vida humana, em que se empregaria o tempo? Coloque-se essa raça num país de fadas, onde tudo cresceria espontaneamente, onde as calhandras voariam já assadas ao alcance de todas as bocas, onde todos encontrariam sem dificuldade a sua amada e a obteriam o mais facilmente possível – ver-se-ia então os homens morrerem de tédio ou enforcarem-se, outros disputarem, matarem-se e causarem-se mutuamente mais sofrimentos do que a natureza agora lhes impõe. Assim, para semelhante raça, nenhum outro teatro, nenhuma outra existência conviriam (2019, p. 26-26).

A habilidade cética do homem do subsolo faz com que ele equipare os argumentos até por vias satíricas e faz com que seus interlocutores se sintam constrangidos. É impossível não lembrar das inúmeras vezes em que Sócrates realiza os mesmos processos de inquietações a seus colegas. Vejamos um trecho em *A república*, no qual Sócrates e Trasímaco discutem sobre o tema da justiça. Trasímaco diz: “Afirmo que o justo não é senão o vantajoso para o *mais forte* [...]” PLATÃO, 2014, p.19, grifo nosso). No que Sócrates responde:

“O justo, afirmas, é o vantajoso para o mais forte. E com isso, Trasímaco, o que pretendes dizer? O que estás dizendo não deve ser algo como isso... Se Polídamas, o lutador de pancrácio, é mais forte que nós e a carne bovina traz vantagens para o corpo dele, esse alimento também para nós, que somos mais fracos que ele, é vantajoso e, ao mesmo tempo, justo (IBIDEM, 2014, p.19-20).

Sócrates refuta o argumento de Trasímaco flertando com o significado da palavra forte. Não deixa de ser uma saída rápida com doses agudas de sarcasmos. Trasímaco fica nervoso com a sagacidade de Sócrates e diz: “ – Sócrates, tu és um nojento! [...] Pegas o que eu disse por onde podes interpretá-lo da pior maneira ....” (*IBIDEM*, 2014, p.20).

Esta maneira irônica é encontrada em *Memórias*. O homem do subsolo compara a vida no palácio de cristal construída pelo homem à construção de um formigueiro:

Talvez ele ama o edifício apenas a distância [...] talvez ele goste apenas de criá-lo, e não viver nele, deixando-o depois para os *animaux domestiques*, isto é, formigas [...] Já as formigas têm um gosto de todo diferente. Elas possuem um edifício surpreendente no gênero, indestrutível para os séculos: o formigueiro (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.46).

A ironia do homem do subterrâneo transforma-se, quer queria ou não, em um ótimo artifício persuasivo. Trata de problemas sérios com toques refinados de comicidade. Até a matemática é motivo de zombaria para este homem. O que for preciso para ridicularizar o ambiente racional e determinista de Tchernichévski; certamente o homem do subsolo vai fazer. Independente se para isso ele tem que “sequestrar” a gramática ou “assassinar” lógica. Vejamos o trecho seguinte:

Numa palavra, o homem está arranjado de modo cômico; em tudo isto, provavelmente, há um trocadilho. Mas dois e dois são quatro é, apesar de tudo, algo totalmente insuportável. Dois e dois são quatro constitui, a meu ver, simplesmente uma impertinência. Dois e dois fica feito um peralvilho, atravessado no vosso caminho, as mãos nas cadeiras, cuspiendo. Estou de acordo em que dois e dois são uma coisa admirável; mas, se é para elogiar tudo, então *dois e dois são cinco*<sup>55</sup> *também constitui, às vezes, uma coisinha muito simpática* (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 47, grifo nosso).

De acordo com Brochard (2009): o cético não refuta os dogmáticos porque quer provar que eles estão errados (embora isso possa transparecer na crítica do homem do subsolo e ao meu ver até “prove mesmo”), mas contenta-se em mostrar que eles não têm razão, ou, pelo menos, que às suas razões pode-se opor razões iguais, e desse modo, limita-se a contradizê-los. E, é justamente o que o homem do subterrâneo realiza ao longo de suas memórias.

---

<sup>55</sup> Esse trecho nos faz lembrar da canção *Como dois e dois* que fez grande sucesso no Brasil na década de 70; interpretada por Roberto Carlos e composto por Caetano Veloso. Olhemos este trecho: “Meu amor! / Tudo em volta está deserto/ Tudo certo/ Tudo certo como / Dois e dois são cinco” (VELOSO, 1971). Como salienta Nascimento (2021): “De fato, a composição convida o ouvinte ao interesse e a desconfiança”.

As dignas formigas começaram pelo formigueiro e certamente acabarão por ele, o que confere grande honra à sua constância e caráter positivo. Mas o homem é uma criatura volúvel e pouco atraente, talvez, a exemplo do enxadrista, ame apenas o processo de atingir o objetivo, e não o próprio objetivo (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 46).

Este trecho das “formigas” é relevante no que concerne ao aspecto biográfico e da indissociável relação entre autor e narrador em partes específicas da obra. Como falamos, em *Notas de inverno*, Dostoiévski relata algumas de suas vivências, que servirão de mote para a produção artística vista em *Memórias*. Mais uma vez ele fala sobre o dom da liberdade, e flerta com a vida num possível palácio:

Naturalmente, resta o socialista apenas cuspir e dizer-lhe que é um imbecil, que não cresceu suficientemente, não amadureceu e não compreende a sua própria vantagem [liberdade]; que uma formiga, uma insignificante formiga, privada do dom da palavra, é mais inteligente que ele, pois no formigueiro tudo é tão bom, tudo está arrumado e distribuído, todos estão alimentados, felizes, cada qual conhece a sua tarefa, numa palavra: *o homem ainda está longe do formigueiro!* (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 137, grifo nosso)

Numa outra situação, o homem do subsolo compara o palácio, ou seja, o mundo racional positivista; dogmático e limitado, à vida em um galinheiro. Isso ocorre no capítulo X. Como é sabido, este capítulo havia sido censurado na época de sua publicação pelo regime czarista. Frank (2013) afirma que neste capítulo Dostoiévski expressa a ideia essencial de sua obra, a saber, a necessidade da fé e de Cristo. Vejamos o que diz Dostoiévski quando ficou sabendo que a Parte I de *Memórias* havia sido censurada no seu capítulo X.

Teria sido melhor não ter publicado o penúltimo capítulo (onde expressei o essencial, a própria ideia da obra) do que publicá-lo desse jeito, isto é, com frases truncadas e que se contradizem. Meu Deus! O que fazer? Esses censores porcos: em trechos em que eu zombava de tudo e às vezes blasfemava em nome das aparências – isso eles deixaram, e onde eu concluía pela necessidade da fé e de Cristo – isso foi censurado. O que os censores estão fazendo? Estão conspirando contra o governo, ou o quê? (DOSTOIÉVSKI (1864, p.353) *apud* FRANK 2018, p. 488 – 489)

O que seria, ao nosso modo de compreender a obra, um refúgio para o tão desesperado homem do subsolo, acaba de ser bloqueado pelos censores. É no transcendente a saída do homem.

A liberdade é um fardo, o caminho da liberdade, um caminho de escolha. O homem na sua revolta débil insurge-se contra este fardo. Destarte a liberdade degenera em escravidão, em constrangimento. Como sair desta antinomia, desta inextricável contradição? Dostoiévski só conhece uma saída: o Cristo (BERDIAEV, 2021, p. 121)

Se a construção esperançosa de um caminho que eleva ao paraíso foi minada em *Memórias*, Dostoiévski de maneira escatológica, então, dará uma solução em sua última obra. Isso tendo em vista as várias discussões sobre a possível salvação efetiva ou não de Raskólnikov. Como afirma Berdiaev (2021), o problema do homem só tem solução no Cristo. Assim a dialética do homem do subsolo é apenas o ponto de partida da dialética do próprio Dostoiévski: dialética que só encontrará sua conclusão nos Irmãos Karamazov. “Mas já está elucidado um ponto: o homem não voltará a esta concepção de uma razão imposta, obrigatória, contra a qual o homem do subterrâneo se insurgiu” (*IBIDEM*, 2121, p.45).

É nesse sentido, que o homem do subsolo dá indícios categóricos que a vida fora do Palácio de Cristal é a verdadeira vida. Essa vida “fora” consiste em viver numa corda bamba. Sem certeza na felicidade ou em um bem-estar geral ou particular, mas em compensação é a vida *viva*; que presa pela preservação da personalidade e nos lança ao mundo com a nossa própria vontade. Somos condenados a ser livres, como pensou Sartre? Talvez, todavia essa é uma condenação que quisemos desde o *Gênesis*.

Dostoiévski se revoltara contra a censura que foi realizada em um ponto fulcral de sua obra. É de se lembrar que o governo czarista estava receoso com as disseminações de ideias subversivas, principalmente pelo erro de ter deixado *O que fazer?* de Tchernichévski intacto e pelos efeitos nefastos que essa última obra causou.

Mesmo diante da censura e da conseqüente mutilação que houve no capítulo X da primeira parte de *Memórias*, ainda é possível ver uma forma bem ajustada de como o homem do subsolo destrincha *os modos de vida*: a no interior do império da razão e em seu exterior, opondo-os, de maneira que deixa seus ouvintes em novo impasse, a saber, viver dentro de um palácio onde não se pode fazer nada às escondidas ou num galinheiro que pode nos proteger da chuva e que ainda nos permita agir de acordo com nossa própria vontade?

Esta *diaphonia* que surge através de uma vida que possa ser vivida em um palácio ou uma vida que recuse o racionalismo e adira o galinheiro, mesmo que seja sem pompas, irão instituir na cabeça do homem do subsolo, aquilo que dizem os céticos: qualquer discurso pode ter um que se oponha e, portanto, devem se equivaler e os levarem à suspensão do juízo sequenciado com a imperturbabilidade da alma. Porchat (2007) diz que essa prática de opor a todo discurso um discurso de igual força, é descrito por Sexto Empírico como o princípio fundamental do ceticismo. Assim, ao reconhecimento da *diaphonia*, que por si só já exhibe a não evidência, sucede, em cada caso, manifestação da *isosthéneia*.

É isso que o homem rato faz, opõem um discurso de igual força para que então demonstrada a igualdade de forças de ambas as argumentações, ele possa suspender o juízo e

apenas isso. Tendo em vista que o homem rato não alcança a paz em sua alma. Vejamos o trecho a que estamos nos referindo abaixo:

Pensai no seguinte: se, em lugar do palácio, existir um galinheiro, e se começar a chover, talvez eu trepe no galinheiro, a fim de não me molhar; mas, assim mesmo, não tomarei o galinheiro por um palácio, por gratidão, pelo fato de me ter protegido da chuva. Estais rindo, dizeis até que, neste caso, galinheiro e palácio são a mesma coisa. Sim, respondo, se fosse preciso viver unicamente para não me molhar (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 49).

Para Frank (2013) as diatribes na parte 1 de *Memórias* não derivam, como se pensou comumente, de sua rejeição da razão; ao contrário, resultam de sua aceitação de todas as implicações levadas às últimas consequências da razão na sua encarnação russa corrente, particularmente das defendidas por Tchernichévski. Como explica Smith (1995), o cético se utiliza das armas de seus adversários para refutá-lo, isto é, faz voltar contra eles o seu próprio tipo de discurso, o que dá a ilusão de que as características do discurso filosófico também lhe pertençam.

O homem do subsolo não tem fundamentos, não possui dogmas. Se sai de casa para praticar sua devassidãozinha logo retorna ao seu cantinho e fica num estado inquieto na lama fétida de sua moradia. Apesar de fazer todo o método cético de investigação que se inicia na oposição de discursos, equipolarização dos argumentos, suspensão do juízo, o homem rato não alcança a *ataraxia*. Como afirma EROFÉIEV (2021, p. 27): “o que há nele está mais para o desespero”.

Um galinheiro, sim! A fim de não me molhar. Desde que seja garantida a vantagem mais vantajosa: a liberdade. Como diz Berdiaev (2021) a este respeito, uma criatura livre prefere sofrer e carecer do pão quotidiano a perder a liberdade do espírito e ser escravizado pelo pão terrestre.

A incredulidade do homem do subterrâneo leva ao extremo a teoria racionalista de Tchernichévski. Em seu próprio terreno (o de Tchernichévski), circundado pelo que é matematicamente quantificável e científico ou simplesmente pelas leis da natureza, o homem do subsolo demonstra em quais circunstâncias essas ideias podem nos levar; uma vez que a aceitemos.

Se vos demonstram que, em essência, uma gotícula de vossa própria gordura vos deve ser mais cara do que cem mil dos vossos semelhantes, e que neste resultado ficarão abrangidos, por fim, todos os chamados deveres, virtudes e demais tolices e



preconceitos, deveis aceitá-lo assim mesmo, nada há a fazer, porque dois e dois são quatro, é matemática. E experimentai retrucar (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 25)<sup>56</sup>.

O Palácio de Cristal não nos garantirá paz e isso já foi provado pela história com as tristes e lamentáveis experiências do nazismo e comunismo. Retiram-nos a nossa liberdade em troca de quê? Que o homem possa um dia se guiar pela razão e unicamente por ela; essa ideia é hoje considerada de uma ingenuidade atroz. Que o homem possa ser um dia menos inclinado a maldade nem se fala. Como desviar nosso olhar da sangrenta e devastadora guerra liderada por Vladimir Putin contra a Ucrânia em pleno século XXI?

O mesmo país em que Dostoiévski discorrera em suas críticas, seja em *Memórias* ou em *Os demônios*<sup>57</sup> são ainda protagonistas de grandes atrocidades na história da humanidade: como o próprio *holodomor* e seus campos de trabalhos forçados quando a Rússia era liderada por Stalin<sup>58</sup>. Enfim, diz o incrédulo homem do subsolo: “Numa palavra, pode-se dizer tudo da história universal — tudo quanto possa ocorrer à imaginação mais exaltada. Só não se pode dizer o seguinte: que é sensata. Haveis de engasgar na primeira palavra” (*IBIDEM*, 2009, p. 43).

Vimos que a voz da recusa desse homem que habita o subterrâneo é fortificada pelos usos que faz dos *modos de argumentação* cética que apontamos estar presentes no livro de Sexto Empírico. E aqui está cumprindo o objetivo do nosso estudo: *o logos discursivo dos céticos auxilia-o a refutar as teorias racionalistas dogmáticas já mencionadas*.

Todavia, esse homem vive em um estado absurdo de perturbação. E, isso é o oposto do que se busca no ceticismo. De acordo com Reale (1994), o ceticismo nasce para resolver o problema da via e da felicidade, que vê na renúncia, na imperturbabilidade e na impassibilidade o segredo da felicidade. Mas esse homem não encontra a impassibilidade nem tão pouco está ausente de perturbações. Então, por qual motivo esse homem não atinge à tranquilidade em seu ser, se faz uso dos modos céticos? É disso que trataremos em nossas considerações finais; tal realização será feita como uma espécie de último capítulo: demonstraremos que mesmo o homem do subsolo tendo utilizado da argumentação cética, ainda assim, não pode ser caracterizado como um cético.

<sup>56</sup> Como diz Overy (2009, p. 275): “A exploração do discurso científico como um meio de legitimar a busca do futuro ideal define as duas ditaduras [de Stalin e de Hitler] como ‘modernas’”.

<sup>57</sup> Obra que em 1930 se tornará um livro proibido na Rússia stalinista.

<sup>58</sup> Para mais detalhes sobre campos de concentração de Stalin, ler *O arquipélago Gulag* (2019), onde Aleksandr Soljenítsyn denuncia os terrores do regime stalinista nos campos de trabalhos forçados. Obra que lhe rendeu o prêmio Nobel de literatura.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma inquietante indagação surgiu ao longo deste estudo: como o homem do subsolo usa as técnicas dos céticos e ainda assim não alcança a tranquilidade? Vamos por partes. O homem do subsolo protagoniza um ato satírico em relação à teoria de Tchernichevski, que por sinal, não tem seu nome citado em toda obra, mas mesmo assim, todo ataque do homem do subsolo é dirigido ao autor de *O que fazer?* Então, nos parece que o homem do subsolo já tem um conhecimento irreduzível sobre o fato que está ocorrendo e que ainda estar no cenário cultural russo. Mas isso não implica que antes o homem do subsolo não realizara uma intensa investigação. Se ele recusa a teoria de Tchernichévski quando relata suas *Memórias*; foi a custo de sua habilidade como homem de talento e das grandes perturbações que lhe afligiam à época. Perturbações essas causadas também por uma sede intangível para revelar aos homens de ação o que está por trás dessas teorias que rejeitam a nossa própria história e que ignoram a própria natureza humana<sup>59</sup>.

quero comprometer-me pessoalmente e, por isso, proclamo com insolência que todos esses belos sistemas, todas essas teorias para explicar à humanidade os seus interesses verdadeiros, normais — a fim de que ela, ansiando inexoravelmente por atingir essas vantagens, se torne de imediato bondosa e nobre —, por enquanto tudo isso não passa, a meu ver, de pura logística! Sim, logística! (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 35)

De acordo com Sexto Empírico (2020), os homens de talento, perturbados pelas anomalias das coisas, sem saber ao que deveriam dar assentimento, buscavam investigar uma forma de encontrar o que é verdadeiro ou falso para assim obter a *ataraxia*. Mas, este homem subterrâneo mesmo em sua insistente pesquisa não encontra essa tão falada imperturbabilidade da mente. Apenas lhe aparece um alívio quando reportar suas *Memórias* ao papel.

Ora, se ele está relatando suas memórias, ele não está ali para buscar a verdade em tempo futuro, pois ele já avança na discussão como se estivesse sob posse dessa verdade, mas a esconde dos seus interlocutores invisíveis; da plateia fantasma na qual falou Nabokov.

Na realidade, a tecitura argumentativa utilizada lhe serve como ferramenta para demonstrar que a teoria racional se mostra incoerente. De fato, como foi demonstrando ao longo deste estudo, o homem do subsolo faz uso dos modos de argumentação cética encontrado nas *hipotiposes pirronicas*. Mas apenas faz seu uso com uma finalidade de destruir a

---

<sup>59</sup> Por isso, alguns pensadores enfatizam que esta obra pode ser considerada como inspiração para o *existencialismo*. Como afirma Steiner (2006, p.167): “Muito antes de seus seguidores existencialistas, o homem do subsolo proclamou a majestade do absurdo”.

argumentação de seu oponente, sem, no entanto, com a pretensão de buscar a felicidade tal qual os cétricos.

Nesse sentido, fica claro que o homem do subsolo não realiza todo o trajeto cético como já foi apresentado, mas apenas parte dele. Antes de buscar a verdade, ele já se insere na praça com seu megafone que reproduz a voz da recusa. Após ver o desacordo e equipolarizar os argumentos, ele não suspende o juízo, porquê no fundo sua consciência sabe que o ser humano é irreduzível e não se enquadra num projeto social, pois por pura ingratidão o ser humano põe tudo a perder. Aliás, o homem do subsolo define o ser humano como um "bípede ingrato", um animal que anda sobre dois pés e é insensato.

A disputa na produção de antíteses (*dynamis antitetiké*) - que é uma habilidade cética - parece mais um fingimento persuasivo por parte do homem do subsolo, pois ele mesmo afirma que preferiria morar em um galinheiro e manter sua liberdade ao morar em um Palácio de cristal.

Um edifício. Um imenso, enorme edifício como há poucos e apenas nas maiores capitais. Ou não? Na verdade, agora não há nenhum como esse. Ele eleva-se entre campos e prados, pomares e arvoredos. Os campos são nosso pão, mas não são como temos hoje. São espessos e abundantes. [...] Mas e esse edifício? O que é? Que tipo de arquitetura é essa? Hoje não há nada assim. Não, já há uma insinuação dele: o Palácio de Cristal, em Sidenham, apenas de ferro fundido e vidro, vidro e ferro fundido. (TCHERNICHÉVSKI, 2017, p. 344-345).

Conforme já expusemos, mas agora sob a visão de Sabino (2020), esse edifício faz referência ao Palácio de Cristal o qual simbolizava a cidade ideal, justa e socialista na qual não haveriam mais desigualdades e o respeito mútuo entre seus habitantes imperaria.

Esse conflito surgido; produzido pelo *logos* discursivo do homem do subsolo sugere que há uma equipolência entre o galinheiro e o Palácio de cristal. Mas na verdade, esse contraste exposto pela *isosthenia* é meramente uma exposição que o homem do subsolo ilustra para mostrar as inconsistências que uma engenharia social, artificial e racionalista é capaz de nos levar: o homem do subsolo está "[...] vencido, como se soubesse a verdade. [...] [está] hoje lúcido, como se estivesse para morrer" (PESSOA, 1944, versos 14-15). Se é para manter a liberdade, que é mais cara que o Pão negado por Cristo em sua tentação no deserto ao recusar transforma as pedras em Pão, então é melhor que eu rejeite o Palácio de cristal, pois fora dele:

Por enquanto, ainda vivo, ainda sinto desejos e quero que os meus braços sequem se eu carregar um tijolinho, o que seja, para uma casa de renda desse tipo! Não ligueis ao fato de que, ainda há pouco, eu mesmo tenha recusado o edifício de cristal unicamente porque não se poderá zombar dele mostrando-lhe a língua (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 50)

Seus apontamentos dirigem-se aos homens de ação que aceitavam as influências europeias sem questionamentos; mudando assim, o caráter nacionalista russo. Mas o próprio homem do subsolo é fruto de seu tempo e possui as máculas de sua cultura. Nega a *ação* e nega tudo; dirigindo-se ao niilismo e proclamando que *não há nada a fazer*. Sempre inquieto e angustiado; indaga-se e nos indaga: “o que é melhor, uma felicidade barata ou um sofrimento elevado?” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 145).

Como afirma Sexto (2020, p. 91): “Dizemos até agora que o fim do ceticismo é a imperturbabilidade no que concerne à opinião e a moderação das condições no que é inevitável”, mas o homem do subsolo após realizar o trajeto cético não suspende o juízo. O homem do subsolo encontra a *diaphonia*; produz pelos modos de argumentação cética a *isosthenia* entre os argumentos, mas não suspende o juízo. Seu jogo argumentativo faz uso do arsenal cético afim de suprir sua necessidade para persuadir seus interlocutores e mostrar que a teoria racionalista é vacilante e incongruente. No entanto, o tema aqui é tão caro a Dostoiévski que os interlocutores do homem do subsolo devem exercer sua escolha; seu livre-arbítrio. Então, como se pode estar tranquilo na condição do homem do subsolo? A sua escolha foi feita por redução ao absurdo, ou seja, não agir, não ser nada, nem verdadeiramente um inseto.

O filósofo brasileiro Oswaldo Porchat, conhecido por dar relevo à corrente do ceticismo em nosso país, afirmou certa vez não ter experiência da tranquilidade; mesmo seguindo todo o trajeto metodológico dos céticos:

Na leitura de Sexto Empírico, encontrei a ocasião de confirmar minha experiência do conflito insuperável do dogmatismo, de sua perpétua *diaphonia*. Quem longamente meditou sobre as *Hipotiposes* não mais ousará cometer-se à edição do Discurso derradeiro. Mas a mera exposição do aparecer, do *phainómenon*, sempre me pareceu insatisfatória. E a crônica da vida comum não se faz desacompanhada de crenças, como os céticos pretenderam. Nunca pude compreender como lhes seria possível dizer sem asserir. Nem pude aceitar sua proposta filosófica de uma investigação continuada. Por que prosseguir na busca, quando nenhuma esperança se justifica e nada mais se tem que a experiência repetida do fracasso? A *ataraxia* cética, eu fui incapaz de atingi-la (PORCHAT, 2007, p.31).

É bem verdade que Porchat declara isso em seu *livro Rumo ao ceticismo*. Obra que reúne vários de seus artigos ao longo de sua trajetória tanto de vida quanto filosófica e, portanto, não nos implica dizer que seu relato seja estático e que um dia o filósofo não tenha alcançado à *ataraxia*<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Isso por si só já daria uma outra pesquisa. Tanto na obra de Porchat quanto na obra de Sexto Empírico. Para maior amplitude neste tema; ver o artigo *Ataraxia e investigação em Sexto Empírico* de autoria de Luiz Antonio Alves Eva (ex-aluno de Porchat). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/181253>.

Voltando a obra de Dostoiévski: Se a teoria racionalista procura mostrar que um dia será possível construir um paraíso terrestre, o homem do subsolo diz: "alto lá!". Como diz as *Hipotiposes*, todo discurso racional se opõe um outro discurso racional de igual peso. E o peso do homem do subsolo tal qual de Sísifo é muito grande para carregar. Como um relator ou cronista, o homem do subsolo jamais eleva ou distancia seus argumentos da experiência humana. Ele reporta como as coisas lhe aparecem naquele momento, como um registro. E, aqui, não devemos esquecer da viagem de Dostoiévski narradas em *Notas de inverno* (já mencionada como origem para a escrita de *Memórias*).

Ainda assim, o homem do subsolo demonstra outra característica cética primordial. Por amor a humanidade, se bem que esse amor é um tanto discutível, ele pretende *curar* os dogmáticos e lhes mostrar o rumo dos desdobramentos históricos uma vez que aceitem esses projetos racionais<sup>61</sup>. Ele denuncia a precipitação (*propéteia*) dos homens de ação ao aderirem tais programas. Então, nesse caso, o homem do subsolo é um *philántropos*. Se ele se envolve em diversas cenas que as enquadram em um homem doente e revoltado é por saber algo que outras pessoas não sabem. Ele mesmo afirmava isso ao dizer que ele “é sozinho, e eles são todos” (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 58).

No mais, se ele relata seus momentos de devassidão, ódio, rancor, é porque somos todos constituídos destas partículas e cheio de idiossincrasias. Suas Memórias é um manual de sinceridade que surge com um tom profético de um homem que vive seus últimos dias. O paradoxalismo presente em suas falas nada contradizem a integridade do seu depoimento. É justamente esse movimento de tese e antítese que brota a real face de si. É isso que diz Steiner: “O narrador propõe fundar um manual de sinceridade total” (2006, p.163). Um homem mau? Não! Um homem bom? Não! Um homem! Que conjuga em seu interior vários elementos indissociáveis e multicaracterísticos que, como a beleza nos parece um enigma. Vejamos que diz Míchkin, personagem de *O idiota*: “– É difícil julgar a beleza; eu ainda não estou preparado. A beleza é um enigma” (DOSTOIEVSKI, 2002, p.102), nós somos um enigma. E, portanto, incapazes de sermos introduzidos numa tabela logarítmica. Esse homem que vive “debaixo do chão” ao longo de suas quatro décadas de existência viu que o ser humano nunca pretendeu buscar apenas o que é vantajoso para si e sequer corrigir-se, como quem coloca alguém em

---

<sup>61</sup> Embora declare que escreve para si mesmo e afirme que jamais teria leitores, sua linguagem se expande e toma forma de um discurso para multidões. Apesar de talvez não o pretender: “E eis mais um problema para mim: para que, realmente, vos chamo de ‘senhores’, para que me dirijo a vós como leitores de verdade?” (DOSTOIEVSKI, 2009, p.52)

uma forma e procura produzir um padrão de *persona*; como produtos industrializados. Vejamos os questionamentos levantados aos seguidores do racionalismo utilitário:

De onde concluíis que à vontade humana é tão indispensavelmente *necessário* corrigir-se? Numa palavra, como sabeis que uma tal correção realmente trará vantagem ao homem? E, se é para dizer tudo, por que estais tão *certamente* convictos de que não ir contra as vantagens reais, normais, asseguradas pelas conclusões da razão e pela aritmética, é de fato sempre vantajoso para o homem e constitui uma lei para toda a humanidade? Mas, por enquanto, isso é apenas uma suposição vossa (*IBIDEM*, 2009, p. 45).

O homem do subterrâneo diz que isso pode ser até uma lei da lógica, mas que insuficiente para se aplicar a humanidade. Chama à atenção a condução didática em que produz os argumentos. Neste contexto, faz alusão à arte da *engenharia*; que amamos criar, abrir caminhos.... Ou seja, vai fornecendo elementos que interessam ao seu interlocutor (dado ao avanço das ciências), mas em seguida diz: “O homem gosta de criar e de abrir estradas, isto é indiscutível. Mas por que ama também, até a paixão, a destruição e o caos?” (*IBIDEM*, 2009, p. 46), e ao interconectar esta indagação, logo o seu interlocutor é levado a um beco sem saída (*aporia*). Esse homem do subsolo, como falamos, é o homem que também recusa a si mesmo: que fora jogado na Terra, um lugar destituído de sentido. É na arte da *engenharia*, que por sinal, seria admitido no trabalho posterior de Dostoiévski, “O senhor Kirílov, excelentíssimo engenheiro civil” (2004, p. 97), um dos personagens de *Os demônios* que irá por vias racionais defender o suicídio. Diz Kirílov: “[...] eu me limito a procurar a causa pela qual os homens não se atrevem a matar-se; eis tudo” (2004, p.118). Dostoiévski antevê aquilo que Camus irá investigar em sua obra de destaque, na qual afirma que o único problema filosófico importante é o suicídio (CAMUS, 2020).

Ao olhar para nossa História, como seres humanos, o homem do subsolo percebe a complexidade da alma humana e, não descarta as ambições, o desejo de poder e todas as outras características que possui o ser humano<sup>62</sup>. Desse modo, o memorialista destaca o que é tangível – nossa condição como de fato somos - e demonstra o quanto é fugaz as hipóteses levantadas pelo racionalismo. Ele expõe que, pelos nossos próprios relatos, pelas nossas próprias vivências, nossas experiências, ou quando simplesmente analisamos nossos próprios pensamento, instintos e paixões; e olhamos para nosso interior, vemos que longe de se ter ali um ser perfeito e incorruptível, o que vemos é um pecador miserável, como diz a canção de Renato Russo (1986): “Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”.

---

<sup>62</sup> Como diz o Apóstolo São Paulo: “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (Rom, 7,18-19).

A construção racional que prega em amar a humanidade como um sistema lógico é possível, e até de fato; amamos e sofremos por ela. Mas é uma abstração da realidade; estamos substituindo um ser de carne e osso por um dado número quantitativo evanescente. Quem é a humanidade? Somos nós. Mas somos essa por existir cada ser em particular. Ao estabelecer a humanidade como um ser uno, dissolvemos o ser humano substancial em um sistema, e, logo, o perdemos de vista, justamente aquele que deveríamos amar é o que não podemos. Para retomar o pensamento de Ivan, amamos a humanidade, mas é um amor que não equivale e nem se dirige a realidade enquanto uma prática de relações pessoais, mas uma pura ficção lógica. É nesse escopo, que o homem do subsolo reivindica o ser humano como de fato ele é, e não como um projeto da esfera lógica.

[...] amo a humanidade, mas me admiro de mim mesmo; quanto mais amo a humanidade em geral, menos amo os homens em particular. [...] Mal a pessoa se aproxima de mim, e eis que sua personalidade já esmaga meu amor-próprio e tolhe minha liberdade. Em vinte e quatro horas posso odiar até o melhor dos homens: este por demorar muito a almoçar, aquele por estar resfriado e não parar de assoar o nariz. Eu, dizia, viro inimigo das pessoas mal elas roçam em mim. Em compensação, sempre acontecia que quanto mais eu odiava os homens em particular, mais ardente se tornava meu amor pela humanidade em geral (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 92).

Por isso o ceticismo do homem do subterrâneo em relação ao racionalismo utilitário; sua rejeição a um projeto que visa um mundo melhor. A responsabilidade moral que une as pessoas se dissolve em hipóteses mal elaboradas. O pensamento de Tchernichévski, mesmo que seja dotado de boas intenções, recusa a nossa própria natureza: renega nossa história. Trata-se de um problema sério - que é o da existência-, com números, e acredita piamente que essa é a saída. Por isso, diz o homem *revoltado*<sup>63</sup> do subsolo: “Está ansiando pela vida, mas resolve os problemas da existência com um emaranhado lógico” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.51). Um mundo melhor: onde todas as pessoas serão justas, onde procurarão só apenas o que é “belo e sublime”<sup>64</sup>. “Oh, criancinha de peito! Oh, inocente e pura criatura!” (IBIDEM, 2009, p.33), apenas pessoas individuais podem se tornarem melhores, o ser humano como um todo unificado, não!

E por que estais convencidos tão firme e solenemente de que é vantajoso para o homem apenas o que é normal e positivo, numa palavra, unicamente a prosperidade? Não se enganará a razão quanto às vantagens? Talvez o homem não ame apenas a prosperidade? Talvez ele ame, na mesma proporção, o sofrimento? Talvez o sofrimento lhe seja exatamente tão vantajoso como a prosperidade? O homem, às

<sup>63</sup> Vejamos que este é um conceito camusiano. Inspirado certamente na obra de Dostoiévski.

<sup>64</sup> A alusão é do próprio homem do subsolo que recusa parte da filosofia abstrata de Kant.

vezes, ama terrivelmente o sofrimento, ama-o até a paixão, isto é um fato (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 47-48).

Suas indagações se assemelham a de um céptico pirrônico que procura curar seu interlocutor pelo discurso que se produz. Pega o seu *receptor* pelas mãos e o ajuda a atravessar a rua. E, sobre este tema, o de o homem buscar apenas o que é próspero, o homem do subsolo diz em face do absurdo: “No caso, é inútil recorrer à história universal; interrogai a vós mesmos, se sois homens e vivestes um pouco sequer” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 48)<sup>65</sup>.

O discurso céptico se autotematiza, como todo discurso filosófico sério deve fazer. Reconhece seu caráter eminentemente confessional. É contar aos outros uma experiência fenomênica, sugerindo que se faça uma experiência semelhante, a qual eventualmente levará a semelhantes resultados (PORCHAT, 2007, p. 267).

Não obstante, o homem do subsolo em seu dialogismo, tece alguns exemplos da História para apresentar-nos a maldade e o instinto de agressividade do homem. Como numa crítica feita a Buckle<sup>66</sup>, no qual este defendia que o homem aos poucos se tornaria menos sanguinário e menos dado a guerra. Nesse sentido, Frank (2018) afirma que Skáftimov observou com perspicácia que a estratégia feita por Dostoiévski em *Memórias do subsolo* foi atacar seus adversários a partir de dentro, levando suas pressuposições e possibilidades lógicas à sua conclusão coerente, e desse modo, levando seus contemporâneos a um impasse destrutivamente sem solução: como falado, em um beco sem saída. Vejamos o que diz o homem do subterrâneo sobre a tese de Buckle, no qual segundo este último “o homem [seria] suavizado pela civilização” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.35):

De acordo com a lógica, se não me engano, é a conclusão a que ele chega. Mas o homem é a tal ponto afeiçoado ao seu sistema e à dedução abstrata que está pronto a deturpar intencionalmente a verdade, a descrever de seus olhos e seus ouvidos apenas para justificar a sua lógica. Tomo justo este exemplo por ser tão eloquente. Lançai um olhar ao redor: o sangue jorra em torrentes e, o que é mais, de modo tão alegre como se fosse champanhe. Aí tendes todo o nosso século, em que viveu o próprio Buckle. Aí tendes Napoleão, tanto o grande como o atual. Aí tendes a América do Norte, com a união. Aí está, por fim, esse caricato Schleswig-Holstein ... O que suaviza, pois, em nós a civilização? (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 35-36).

Entretanto, se por um lado o homem do subsolo ataca os seguidores de Buckle e Tchernichévski, apresentando as inconsistências lógicas de seus próprios programas racionais

<sup>65</sup> Recurso socrático onde a verdade é parida no interior do próprio homem: conhecida como maiêutica.

<sup>66</sup> Historiador britânico Henry Thomas Buckle. De acordo com Frank (2018), este historiador popular entre os radicais russos na época em que *Memórias do subsolo* foi escrito, defendia que as leis da história podiam ser elaboradas conforme as leis das ciências naturais.



e os levando à *aporias*, por outro lado, ele é empurrado a renegar a vida que se apresenta diante dele: sua consciência hipertrofiada o leva a não fazer nada. O *que fazer?* Ora, não há nada a fazer! Então, o que sobra disso tudo que é a vida, se Deus não se apresenta e todo o nosso fundamento foi minado? Postergando esta resposta e retomando as confissões deste homem do subsolo. É verificado que toda essa sua confissão revela o absurdo que é a vida. Seu desabafo é doloroso e trágico: “Para o uso cotidiano, seria mais do que suficiente a consciência humana comum, isto é, a metade, um quarto a menos da porção que cabe a um homem instruído do nosso infeliz século dezenove”. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.18). Apropriando-se dos mitos gregos que nos fazem refletir: Édipo e Sísifo, por exemplo, com toda a tragédia que vivenciam julgam que tudo está bem. “As *Memórias do subsolo* incorporam tanto um mito filosófico – a rebelião contra o positivismo – como um mito psicológico, a descida do homem aos lugares sombrios da alma” (STEINER, 2006, p.174).

Apesar de julgar que sua condição não está bem; que nossas condições não estão bem, o homem do subsolo as aceita. E, simplesmente porquê ele dispõe de seu lugarzinho abaixo do solo (o que para nós poderia sugerir um certo tipo de tranquilidade). Seu ceticismo contém uma agudeza de espírito que penetra no nosso horizonte de consciência e nos faz realizar uma anamnese instantânea: o que revolta o homem do subsolo é o fato que ele também é fruto deste tempo, é um homem que pertence a esta sociedade, e, portanto, não prever uma solução. Sem um dogmatismo aparente se mostra aberto ao diálogo:

Destruí os meus desejos, apagai os meus ideias, mostrai-me algo melhor, e hei de vos seguir. Direis talvez que não vale a pena mesmo ocupar-se disso; mas, neste caso, posso responder-vos de modo idêntico. Estamos argumentando a sério; mas, se não vos quiserdes dignar a dirigir-me a vossa atenção, não serei o primeiro a inclinar a cabeça. *Tenho o meu subsolo* (DOSTOIÉVSKI, p.49-50, grifo nosso).

Este “tenho o meu subsolo” sugere uma espécie de tranquilidade, mas como ter tranquilidade com a consciência deste homem; que diz que qualquer tipo de consciência já é ela mesmo uma patologia? Por isso a ideia inicial ainda se apresenta “firme”, a saber, o homem do subsolo se vale dos argumentos céticos, todavia sem ser um deles, já que seu objetivo final é atingir a tranquilidade. A bem da verdade, estamos sozinhos neste vale de lágrimas, essa é a reflexão do homem do subsolo. A confissão sem Deus é isto: não há quem possa confortar. Se cá Ele estivesse, enxugaria dos “[...] seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou” (Apo, 21,4). Com razão disse Nietzsche: “o que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas sua falta de sentido [...]”. E, o que é mais impactante vem agora:

[...] nem para o cristão, que interpretou o sofrimento introduzindo-lhe todo um mecanismo secreto de salvação, nem para o ingênuo das eras antigas, que explicava todo sofrimento em consideração a espectadores ou a seus causadores, existia tal sofrimento *sem sentido* (NIETZSCHE, 2009, p.53).

O nosso homem do subsolo confessa os impactos de sua limitação racional. Sua confissão é um ato sagrado sem Deus. Se se pode falar nesses termos ou não, isso nos é insensível. O paradoxalismo é inerente a este anti-herói<sup>67</sup> trágico. “Confissões como as que pretendo começar a expor não se imprimem e não se dão a ler. Pelo menos, não possuo em mim tamanha firmeza e não considero necessário possuí-la” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.52).

A razão lúcida que constata seus limites é o por ironia do destino a fase final<sup>68</sup> do cético. Ao chegar na *epokhé*, toda a estrutura metafísica que supnhamos um dia existir se *reduz* para o tudo que se dirige e forma o mundo; este mundo apenas: o mundo dos homens<sup>69</sup>.

[O cético] Tendo adquirido a consciência de seus limites, de sua incapacidade de mover-se conscientemente no imaginário reino absoluto, tendo desistido de suas inclinações metafísicas, a razão humana reencontra seu lugar no interior do mundo fenomênico, se reconhece escrava, não das paixões, mas da vida; descobre, enfim, que sua autêntica vocação é a de orientar a utilização do mundo da experiência para o bem dos homens. Tal parece ser a necessária consequência da vivência cética da *epokhé* (PORCHAT, 2007, p. 266-267).

O cético suspende o juízo e ao realizar tal ato racional a tranquilidade segue-se a ele como que de maneira intrínseca<sup>70</sup>. Entretanto, o absurdo extraído das supostas consequências pelo homem do subsolo parece lhe retirar, ao longo de suas memórias, qualquer tipo de saída, ao não ser a inação instaurada em seu subsolo. E, assim, um elemento central aos céuticos não é evocado pela obra de Dostoievski. E o que é trágico: o personagem encontra-se num "estado de espírito" diametralmente oposto à *ataraxia*. É nesse sentido, que podemos afirmar que o homem do subsolo se utiliza do *logos* discursivo dos céuticos; sem no entanto, ser de fato um deles.

<sup>67</sup> “De fato, contar, por exemplo, longas novelas sobre como eu fiz fracassar a minha vida por meio do apodrecimento moral a um canto, da insuficiência do ambiente, desacostumando-me de tudo o que é vivo por meio de um enraivecido rancor no subsolo, por Deus que não é interessante: um romance precisa de herói e, no caso, foram acumulados *intencionalmente* todos os traços de um *anti-herói*, e, principalmente, tudo isto dará uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estávamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais, outros menos” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 145-146, Segundo grifo nosso).

<sup>68</sup> Final, entenda-se antes da *ataraxia*.

<sup>69</sup> “A razão filosófica continua a ocupar-se de tudo. Mas tudo agora é o mundo dos homens” (PORCHAT, 2007, p. 266).

<sup>70</sup> “Tendo suspenso o juízo, a imperturbabilidade seguiu-se fortuitamente, como a sombra segue ao corpo” (EMPÍRICO, 2020, p. 92).

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi; Ivone Castilho Benedetti. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Edição Giovanni Reale. Tradução de Rusconi Libré. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Poética**. Tradução Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BERDIAEV, N. **O espírito de Dostoiévski**. Tradução Otto Schneider. Rio de Janeiro: Eleia Editora, 2021.
- BROCHARD, V. **Os cétricos gregos**. Tradução Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- CANDEIA. **Preciso me encontrar**. In: Cartola. Discos Marcus Pereira, 1976.
- CARLETTI, R. **O ceticismo como método crítico em Memórias do subsolo de Dostoiévski**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.
- CARPEAUX, O. **A cinza do purgatório**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.
- \_\_\_\_\_. **História da literatura ocidental**, vol. II. Campinas, SP: Sétimo Selo, 2021. 3 v.
- DOSTOIEVSKAIA, A. **Meu marido Dostoiévski**. Tradução Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- DOSTOIEVSKI, F. **Correspondências**. Tradução de Robertson Frizero. Porto Alegre: Editora 8Inverso, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Crime castigo**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Gente Pobre**. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora. 34, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Memórias do Subsolo**. Tradução Boris Schneidermann. São Paulo: Editora 34, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão**. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **O diário de um escritor**: meia carta de um sujeito. Tradução Moissei e Daniela Mountian. São Paulo: Hedra, 2016.

\_\_\_\_\_. **O duplo**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **O idiota**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os demônios**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os irmãos Karamazov**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012. 2 v.

\_\_\_\_\_. **Recordações da casa dos mortos**. Tradução de Nicolau S. Peticov. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

\_\_\_\_\_. **Um jogador**. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2004.

DRUNKER, C. **A palavra nova**: o diálogo entre Nelson Rodrigues e Dostoiévski. Editora Universidade de Brasília, 2010.

EROFÉIEV, V. **Encontrar o homem no homem**: Dostoiévski e o existencialismo. Tradução Marina Damaros. São Paulo: Kalinka, 2021.

EVA, L. A. A. Ataraxia e investigação em Sexto Empírico. **Discurso**, [S. l.], v. 50, n. 2, p. 295-320, 2020. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2020.181253. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/181253>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FERNANDES, A. Racionalismo e romantismo em “Memórias do subsolo”, de Dostoiévski. **Revista de Literatura e Cultura Russa**. Vol. 12. Nº 18, 2021.

FIGES, O. **Uma história cultural da Rússia**. Tradução Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2017.

FRANK, J. **Dostoiévski**: as sementes da revolta. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Dostoiévski**: um escritor em seu tempo. Tradução: Pedro Soares. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **Dostoiévski**: os efeitos da libertação. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FRYE, N. **O grande código**: a Bíblia e a literatura. Tradução Marcio Stockler. Campinas, SP: Editora Sétimo Selo, 2021.

GAI, E. Revisitar Fernando Pessoa: o relativismo criador, o paradoxo, a pluralidade.

**Signo**. Santa Cruzdo Sul, v.40,n. 68, p. 31-41, jan./jun. 2015.

- GASSET, J. **A rebelião das massas**. Tradução Felipe Denardi. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.
- GIRARD, R. **Dostoiévski: do duplo à unidade**. Tradução Roberto Mallet. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.
- KANT, E. **Crítica da razão pura**. Tradução portuguesa Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Mourão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- LENNON, J. **Imagine**. In: Imagine. Ascot Sound Studios e Ascot and Record Plant East, 1971.
- NABOKOV, V. **Lições de literatura russa**. Tradução Jorio Dauster. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- NASCIMENTO, M. Como dois e dois são cinco. **Correio**, 2021. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/como-dois-e-dois-sao-cinco/>. Acesso em: 25 abr. 2021.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos**, ou Como se filosofa com o martelo. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Ecce homo**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- OVERY, R. **Os ditadores: a Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009
- PEREIRA, A. **Ciência, razão e sintoma em Memórias do subsolo**. *Letrônica*, v.6, n.2, p.642-661,2013.
- PAREYSON, L. **Dostoiévski: filosofia, romance, e experiência religiosa**. Tradução Maria Helena Nery Garcez, Sylvia Mendes Carneiro. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2012.
- PESSOA, F. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944.
- PORCHAT, O. **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução Maria Lacerda de Moura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A República**. Tradução Ana Lia Amaral de Almeida Prado. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

- RAMOS, G. **Angústia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- REALE, G. **História da filosofia antiga**. Tradução: Marcelo Perine. - v. 3. 4º Ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais**. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- RUSSO, R. **Índios**. In: Dois. Emi-Odeon Brasil, 1986. Faixa 12.
- SABINO, P. Tchernichévski: entre o determinismo e a revolução. **Revista de Literatura e Cultura Russa**. Vol. 11. Nº 16, 2020.
- SARTRE, J. **A náusea**. Tradução Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.
- SCHNEIDERMANN, B. Prefácio. In: **Memórias do Subsolo**. Tradução Boris Schneidermann. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SCHOPENHAUER, A. **As Dores do mundo**. Tradução de José Souza de Oliveira. – São Paulo: Edipro, 2019.
- SERVICE, R. **Lenin: a biografia definitiva**. Tradução Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Difel, 2006.
- SMITH, P. Terapia e vida comum. **Discurso**, São Paulo, v.25, p.69-95, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Uma visão cética do mundo: Porchat e a filosofia**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- STEINER, G. **Tolstói ou Dostoiévski: um ensaio sobre o velho criticismo**. Tradução Isa Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SEIXAS, R. **Ouro de tolo**. In: Krig-ha, Bandolo! Philips Records, 1973.
- SÉRGIO, M; SÁ, L. **Caçador de mim**. In: Milton Nascimento. Philips, 1981.
- SEXTO EMPÍRICO. **Esboços Pirrônicos 1.1-30: Introdução geral e as características do ceticismo**. Tradução, introdução e notas Plínio Junqueira Smith. **Revista Sképsis**, São Paulo, vol. XI, n. 21, p. 88-103, 2020
- \_\_\_\_\_. **Esboços Pirrônicos 1.31-35: Introdução aos modos da suspensão do juízo**. Tradução, introdução e notas Plínio Junqueira Smith. **Revista Sképsis**, v. 11, n. 21, p. 104-106, 2020.

\_\_\_\_\_. **Esboços Pirrônicos** 1.33-163: Os 10 modos de Enesidemo. Tradução Rafael Huguenin; Rodrigo Pinto de Brito. **Revista Sképsis**, São Paulo, v.9, n. 21, p. 107-142, 2020.

SOLZHENITSYN, A. **Arquipélago Gulag**. Tradução de Francisco A. Ferreira, Maria M. Llistó e José A. Seabra. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1976.

TCHERNICHÉVSKI, N. **O que fazer?** Tradução de Angelo Segrillo, 1. Ed. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

TCHERNICHÉVSKI, N. The Anthropological Principle in Philosophy. In: **Selected Philosophical Essays**. Honolulu: University Press of the Pacific, 2002.

TCHIRKÓV, N. **O estilo de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2022.

VELOSO, C. **Como dois e dois**. In: Roberto Carlos. CBS, 1971.

WITTENGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.